

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO SOCIAL,
EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

FELIPE COSTA AZEREDO

**O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DA LEITURA NOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**SÃO MATEUS
2016**

FELIPE COSTA AZEREDO

**O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DA LEITURA NOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**Dissertação apresentada à Faculdade
Vale do Cricaré, para obtenção do título
de Mestre Profissional em Gestão Social,
Educação e Desenvolvimento Regional.**

**Área de Concentração: Gestão Social,
Educação e Desenvolvimento Regional.**

Orientador: Prof. Dr. Adelar João Pizetta

SÃO MATEUS

2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação
Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional
Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus - ES

A993p

AZEREDO, Felipe Costa

O processo ensino-aprendizagem da leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental. / Felipe Costa Azeredo. – São Mateus - ES, 2016

74f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2016.

Orientação: Prof. Dr. Adelar João Pizetta

1. Educando e Educador. 2. Leitura e escrita. 3. Ensino-aprendizagem. 4. Ensino Fundamental. I. Título.

CDD: 371.3

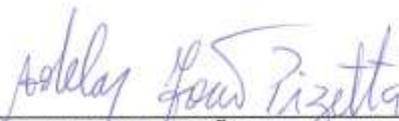
FELIPE COSTA AZEREDO

**O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DA LEITURA NOS
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional, na área de concentração Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional.

Aprovada em 20 de Fevereiro de 2016.

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. ADELAR JOÃO PIZETTA
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)
Orientadora



Prof.^a Dr.^a LILIAN PITTOL FIRME DE OLIVEIRA
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



Prof. Dr. LAERCIO FRANCISCO CATTANEO
Faculdade Pitágoras – Linhares - ES

Dedico este trabalho à minha esposa Márcia Cristina, ao meu filho Luís Felipe, aos meus pais José e Lena, meus irmãos João Pedro, Fernanda, Rafael e Roney, minha sogra Maria José, Tia Gláucia pelo apoio e, em especial, ao meu Deus.

AGRADECIMENTOS

A Deus, autor e consumidor da minha vida, por me conceder saúde e sabedoria.

Ao Prof. Dr. Adelar João Pizetta, pela grande contribuição e paciência na orientação deste trabalho.

Aos professores do curso de Mestrado da Faculdade Vale do Cricaré, com título de mestre em Educação, Gestão Social e Desenvolvimento Regional, que muito contribuíram para a minha formação.

A equipe de apoio pedagógico, na pessoa de Luzinete e Rúbia.

Aos colegas de viagem: Eraldo, Francine, Rafaela, André e Nádia, pela grande parceria e pelos bons momentos vividos.

À minha esposa Márcia Cristina, que me apoiou, mesmo quando as coisas ficaram difíceis, me motivando e suportando a minha ausência em todos os sábados.

Ao meu filho Luís Felipe por ter entendido que, aos sábados, as nossas brincadeiras seriam somente ao anoitecer, logo após a chegada de um dia inteiro de estudos.

Aos meus alunos, tanto da Graduação como do Técnico, que me motivaram a ser um Educador melhor.

A todos que de alguma forma contribuíram para a conclusão deste trabalho.

*Ser letrado e ler na vida é escapar da
literalidade dos textos e interpretá-los,
colocando-os em relação a outros
textos e discursos, de maneira situada na realidade social;
é discutir com os textos, replicando e avaliando posições e ideologias
que constituem seus sentidos;
é , enfim, trazer o texto para a vida
e colocá-lo em relação com ela.*

Roxane Rojo

RESUMO

AZEREDO, Felipe Costa. **O processo ensino-aprendizagem da leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. 2016. 75f. Dissertação de Mestrado - Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus, 2016.

O ambiente de escola é um ambiente fascinante, que deve ser analisado como um todo, para que assim os educandos entendam o que está sendo ensinado. A preocupação em abordar a necessidade da leitura para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, se deu devido a algumas observações feitas por educadores, tanto no ensino técnico quanto no ensino superior da Faculdade em Linhares, onde notou-se que muitos dos educandos ainda não têm consciência da importância do ato e prática da leitura. Este trabalho procurou buscar, através de investigação, os fatores que interferem na aprendizagem e no gosto pela leitura. A metodologia utilizada propicia ao educando compreensão da necessidade de ler para obter informação que resultará em sua formação de cidadão. Este trabalho procurou centralizar a reflexão sobre o ato de ler concretamente na sala de aula. De posse de alguns princípios voltados à emissão de comportamentos, pode-se analisar e atingir resultados satisfatórios frente ao hábito de leitura, compreendido, neste trabalho, como o gosto pela leitura e, conseqüentemente, o aumento da frequência do ato de ler. Para apresentar e justificar a relevância do elemento comportamental no processo de ensino-aprendizagem de leitura, este estudo desenvolveu-se a partir de uma pesquisa bibliográfica, seguida de pesquisa-ação realizada com 54 educandos do 3º ano do ensino fundamental anos iniciais e 08 professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental “Professora Efigênia Sizenando”. A partir da revisão bibliográfica levantou-se o conceito de leitura e letramento, bem como a importância da mesma para a construção do conhecimento e da conscientização do cidadão. A pesquisa é baseada em análise comparativa de artigos científicos embasados na proposta de letramento e nas práticas de leitura. Percebe-se que para que os educadores tenham um maior relacionamento com os educandos, a escola deverá criar estratégias para que metodologia pedagógica seja aplicada no processo ensino-aprendizagem da leitura de forma a dar resultados. A partir desse estudo, propõe-se a possibilidade de estabelecer relações entre o ensino da leitura e escrita, desde que tenha objetividade nas atividades desenvolvidas.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem. Ensino da leitura e escrita. Ensino Fundamental.

ABSTRACT

AZEREDO, Felipe Costa. **The teaching-learning process of reading in the early years of Elementary School**. 2016. 75f. Masters Dissertation – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus, 2016.

The school environment is a fascinating environment, which should be analyzed as a whole, so that the students understand what is being taught. The concern to address the need of reading for the development of teaching-learning process was due to some comments made by educators, both in technical education and in higher education in the college in Linhares, where it was noted that many of the students are not yet aware of the importance of the act and practice of reading. This study sought to seek, through research, the factors that interfere with learning and the taste for reading. The methodology used provides the student understanding of the need to read for information that will result in their training as citizens. This study sought to centralize the reflection on the act of reading concretely in the classroom. In possession of a number of principles aimed at emission of behaviors, it was possible to analyze and achieve satisfactory results across the reading habits, understood, in this paper, as the taste for reading and, thereafter, the increasing in frequency of the act of reading. To present and justify the relevance of the behavioral element, in the teaching-learning process of reading, this study was developed from a literature search, followed by action research conducted with 54 students of the 3rd grade in the early years of elementary school and 08 teachers from the Municipal Elementary School “Professora Efigênia Sizenando”. From the literature review raised the concept of reading and literacy, as well as the importance of it to the construction of knowledge and citizen awareness. The research is based on comparative analysis of scientific papers grounded in the proposal of literacy and the reading practices. It is noticed that for educators to have a greater relationship with the students, the school must create strategies for teaching methodology to be applied in the teaching-learning process of reading to give results. From this study, it is proposed the possibility of establishing relations between the teaching of reading and writing, provided you have objectivity in the developed activities.

Keywords: Teaching-learning. Teaching of reading and writing. Elementary School.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Respostas dos educadores.....	56
Quadro 02 – Sugestões dos educadores.....	57

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01	O que você gosta de ler?.....	48
Gráfico 02	Com que frequência você lê?.....	49
Gráfico 03	Você lê notícias publicadas em jornais?.....	50
Gráfico 04	Onde você gosta de ler, preferencialmente?	50
Gráfico 05	O que lhe chama mais a atenção nos textos?	51
Gráfico 06	Em casa, quanto tempo você dedica à leitura?.....	51
Gráfico 07	Você lê os textos por inteiro?	52
Gráfico 08	Na escola, tem um tempo dedicado à leitura?	52
Gráfico 09	Que material de leitura utilizam?	53
Gráfico 10	Você lê em sala de aula, ou na biblioteca?	53
Gráfico 11	Há quanto tempo ministra aula no ensino Fundamental anos iniciais?.....	54
Gráfico 12	Processo de Leitura com educandos	55
Gráfico 13	Você tem encontrado algum tipo de dificuldade para trabalhar com diferentes materiais e com diferentes tipos de textos no Ensino Fundamental Anos Iniciais?.....	56

LISTA DE SIGLAS

EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
PCCol	Pesquisa Crítica de Colaboração
LDB	Leis de diretrizes e bases da Educação Nacional
CF	Constituição Federal
ZPD	Zona de Desenvolvimento Proximal
PINAIC	Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa
DT	Designação Temporária
PPP	Projeto político pedagógico
APRUCOF	Associação de Pequenos Produtores Rurais do Córrego Farias
CEIM	Centro de Educação Infantil Municipal
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1 A IMPORTÂNCIA E SIGNIFICADOS DA LEITURA E ESCRITA PARA UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA	18
2.1.1 Alguns conceitos fundamentais	20
2.1.1 O que é ler?	20
2.1.2 O que é letramento?	23
2.2 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO.....	27
2.2.1 A leitura de mundo	27
2.2.2 A função social da leitura	32
2.2.3 O papel do educador	35
2.2.3.1 Zona de Desenvolvimento Proximal	35
2.2.4 Leitura: fatores que interferem na sua aprendizagem	38
3 ELEMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	40
3.1 TIPOS DE PESQUISA	40
3.2 SUJEITOS DA PESQUISA	42
3.2.1 A Escola: histórico da Instituição	42
3.2.1.1 Projeto Político Pedagógico da Escola	43
3.3 INSTRUMENTOS PARA COLETA/PRODUÇÃO DE DADOS	45
3.4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA	46
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	48
4.1 EDUCANDOS	48
4.2 EDUCADORES	54
5 CONCLUSÕES	61
REFERÊNCIAS	64
APÊNDICES	67
APÊNDICE A – Questionário para Educandos	68
APÊNDICE B – Questionário Para Educadores	70
ANEXOS	72
ANEXO A – Relatório da Pedagoga referente à Proposta de Intervenção.....	73

1 INTRODUÇÃO

O processo de ensino-aprendizagem da leitura é bastante desafiador, principalmente na relação educando-educador, pois, apropriar-se da capacidade de ler significa, sobretudo, a condição de compreender um mundo que vai se mostrando cada vez maior e mais surpreendente. Nessas descobertas e apropriações alguns educandos/as apresentam mais e maiores dificuldades do que outros. A propósito, o desenvolvimento do indivíduo se dá pela apropriação de linguagens e de formas cognitivas mais complexas existentes no seu ambiente cultural, pois quando vai à escola leva consigo informações que subsidiam seus novos conhecimentos, e que para Vygotsky (1998) nada mais é do que conceitos do dia-a-dia, os quais são fundamentais para a construção do saber.

De acordo com Pérez Gómez (2000), a escola é um ambiente de aprendizagem, onde há pluralidade cultural que direciona a construção de significados compartilhados entre o educando e o educador. A construção destes, enfatiza uma necessidade de mudança da escola, na forma de alcançar melhor resultado de ensino-aprendizagem, por meio da reflexão. Apresenta ainda necessidade da individualidade e da coletividade ao mesmo tempo, envolvendo diversos aspectos da escola, dentre eles: as relações entre o ensinar e aprender com diversas trocas de informações, o compartilhamento de informações e interação da cultura escolar, além dos processos curriculares, pedagógicos e administrativos.

A preocupação em abordar a necessidade da leitura para desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem surgiu durante a observação docente, tanto no ensino técnico quanto no ensino de nível superior da Faculdade Pitágoras, em Linhares, onde a maioria dos educandos ainda não tem consciência da importância da necessidade de praticar o ato de ler. Não cultivam o hábito de buscar em livros, revistas, jornais e artigos fontes de informações e conhecimentos, para assim enriquecer seu vocabulário, estruturar a escrita e com isso adquirir domínio da língua, o que implicará saber operar com elementos linguísticos em ambientes de aprendizagem que tornam esses elementos significativos.

Por meio de questionamentos a outros educadores do ensino Técnico e Superior, foi possível constatar que esta realidade é extensiva às demais salas de aula e que os alunos já ingressam em tais níveis de ensino com defasagem de leitura e escrita. Por isso, esta dissertação baseou-se em um estudo, não com os educandos do Ensino Técnico e Superior, mas sim, com turmas do 3º ano do Ensino Fundamental, anos iniciais da rede municipal, pois é lá, na educação básica, onde se fecha o ciclo que oportuniza as competências e habilidades para a apropriação da leitura e escrita.

Nota-se que a etapa da educação básica recebe atualmente uma expressiva atenção por parte dos governos (municipal, estadual e federal). A erradicação do analfabetismo tornou-se um ícone do desenvolvimento, por isso é uma forma de melhorar a imagem do país frente aos organismos internacionais. Para tanto, investem pesado, esforçam-se em matricular o maior número possível de crianças na idade escolar e buscam evitar a evasão. A maioria dos países da América Latina possui mais de setenta por cento de sua população infantil nas primeiras séries do Ensino Fundamental. De acordo com os dados obtidos do Censo Escolar (2013), o estado do Espírito Santo tem cerca de 448 mil educandos matriculados no Ensino Fundamental, e no município de Linhares-ES tem-se aproximadamente 20 mil educandos matriculados nos anos iniciais e finais, sendo este total com alunos da rede estadual e municipal.

No Brasil, programas como Bolsa Família, têm a finalidade de propiciar ajuda financeira às famílias das crianças carentes para que mantenham uma frequência escolar superior a 75%, visando contribuir para a diminuição do analfabetismo, mas o que se observa é que esses números são parte de um discurso oficial que leva em consideração aqueles que apenas fazem a decodificação de sinais gráficos, mas não entendem a necessidade de ler (MINAS GERAIS, 1999).

Baseado nesses dados e mediante a necessidade de formação do indivíduo, este estudo teve como justificativa verificar como e quais ações possíveis os educadores dos anos iniciais do Ensino Fundamental poderão encontrar para que os educandos tenham gosto pela leitura, visando à melhoria no entendimento das disciplinas estudadas, correlacionando essas ações a análise de como a educação é um fator

de desenvolvimento econômico, social e regional. Em meados de 1960, com o desenvolvimento de novas tecnologias, surgia um panorama de valorização da imagem, acreditava-se que a escrita seria assim suprimida, o que não se concretizou, dada a importância da leitura na vida do ser humano, reconhecido pelo seu caráter comunicativo. Mediante essa atenuante verdade, os governantes desenvolveram programas para financiar a educação com finalidade de capacitar o educador, buscando alternativas para aprimorar a prática pedagógica, de acordo com a realidade e a necessidade do educando nos dias atuais.

Diante disso, este estudo teve como problema de investigação a seguinte pergunta: Como está sendo construído o processo de ensino-aprendizagem nos anos iniciais e seu enfoque na apropriação da leitura na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Efigênia Sizenando, do município de Linhares? A metodologia utilizada propicia ao educando compreensão da necessidade de ler para obter informação que resultará em sua formação de cidadão?

Buscando enfrentar esses questionamentos, estabeleceu-se como objetivo geral analisar os fatores que interferem no processo ensino-aprendizagem da leitura. Para alcançá-lo, traçaram-se os objetivos específicos: analisar as intervenções pedagógicas que possam auxiliar nesse processo e observar como está sendo desenvolvido o processo de alfabetização das crianças *in lócus*; identificar se o educador consegue despertar nos alunos o apreço pela leitura; e pesquisar acerca das dificuldades dos educandos e da prática do docente no processo ensino-aprendizagem da leitura.

A presente pesquisa poderá servir de orientação para discussões de docentes sobre a importância da leitura no cotidiano do ser humano, pois formar leitores contribui com o processo de emancipação de um país, e o ato da leitura e da escrita conduz a aprender, conhecer e apreender novos significados que possibilitem aos educandos viverem com mais plenitude e de forma livre como cidadão. Um dos primeiros passos nesse sentido é a oferta de uma educação que esteja próxima à realidade das comunidades escolares nas suas mais variadas formas de existência, que suscite sugestões e ações significativas a fim de contribuir na formação de leitores.

Com essa formação o educador precisa reconhecer e valorizar a diversidade cultural dos educandos, superar discriminações, trabalhar a autoestima, consciente de que poderá estar revertendo um dos mais fortes mecanismos de exclusão social, a marginalização pela negação do direito ao domínio da cultura escrita, cumprindo assim uma tarefa essencial para a promoção da cidadania.

Toda instituição escolar tem características que lhe são peculiares, e que influenciam o comportamento de seus membros. Essa influência, tanto pode ser para a dominação como para a libertação, dependendo do nível de consciência despertado pelo processo vivido. Freire (1987) em seu livro *Pedagogia do Oprimido* deixa-nos entender que a relação professor (opressor) e aluno (oprimido) ou vice-versa tem por finalidade que a relação educador-educando nesse processo de ensino-aprendizagem gira em torno da concepção da educação, tendo uma perspectiva de que quando todos se unirem na essência da educação como prática de liberdade, ambos abrirão novos horizontes culturais de acordo com a realidade e imaginação de todos os indivíduos, seguidos das diferentes culturas de cada um.

Este trabalho buscou os rumos e o ritmo do conhecimento por meio da leitura, defendendo-a como forma de se obter/produzir cultura, exercer a democracia, combater a leitura mecânica e reducionista, tornando-a um instrumento de luta contra a ideologia dominante. Cabe ressaltar que o tema abordado neste trabalho não vem fornecer uma receita para a sala de aula, e sim analisar criticamente as ações da escola no que se refere à prática do desenvolvimento da leitura no Ensino Fundamental, para conhecer a beleza e a profundidade que residem não só nas ideias, mas, sobretudo, na linguagem, que é o modo novo de perceber e ler o mundo.

Acredita-se que a leitura é o ponto em que o sujeito social se constrói verdadeiramente a partir do momento em que se torna leitor de si, do outro e do mundo. Um leitor de alma aberta, olhos atentos e a consciência inquieta, esse é o leitor que se pretende despertar.

Para a realização da pesquisa foram utilizadas pesquisas bibliográficas, que auxiliaram no desenvolvimento de todos os capítulos do trabalho, além de uma pesquisa-ação feita para se ter uma visão da realidade na sala de aula, com relação

às práticas de leitura. Estruturou-se o trabalho em títulos, que direcionam elementos para uma reflexão crítica sobre aspectos importantes do processo de desenvolvimento da leitura no Ensino Fundamental, dada a relevância da temática.

A partir dessas ações organizaram-se os resultados do estudo para o processo de defesa da Dissertação, na seguinte forma: **Primeiro** – além de uma revisão bibliográfica, foi descrito sobre a questão da leitura numa visão social, discutindo conceitos fundamentais, trazendo uma reflexão sobre a condição de saber ler como uma mediação para uma educação libertadora. Traz ainda uma discussão sobre leitura e escrita como fatores interligados, abordando como o seu alcance transcende os portões/muros da escola; **Segundo** – dissertou-se sobre a importância da leitura na construção do conhecimento, considerando os já trazidos pelo educando ao chegar à escola e as estratégias de leituras. Como momento final, ainda neste capítulo, destacou-se a intervenção do professor, analisando todos os recursos, metodologias e estratégias utilizadas para que seus alunos aprendam a gostar de ler; **Terceiro** – abordaram-se elementos teórico-metodológicos que embasam a pesquisa, bem como, os sujeitos e o percurso que seguiu-se no processo de investigação e elaboração do trabalho final. Apresenta os resultados e elementos de uma proposta de intervenção pedagógica, objetivando contribuir com o desenvolvimento de uma educação comprometida com o crescimento e desenvolvimento dos seres humanos e da própria sociedade; Seguem as Conclusões, as Referências, os Apêndices e Anexo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 IMPORTÂNCIA E SIGNIFICADOS DA LEITURA E ESCRITA PARA UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA

Considerando o estudo de como está sendo construído o processo de ensino-aprendizagem nos anos iniciais da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Efigênia Sizenando, do município de Linhares, com enfoque na apropriação da leitura e sua relevância do estudo, foram analisados três dissertações e uma tese referentes à problemática/objeto de estudo desta dissertação, destacando-se::

a) “O ensino da leitura e escrita no ensino fundamental e sua contribuição na formação de conceitos científicos”, para investigar se é possível que o processo de formação de conceitos científicos desenvolvidos nas aulas de ciências, seja auxiliado pela aprendizagem da leitura e escrita de estudantes do ensino fundamental, e que dificuldades encontram os estudantes do terceiro ano do ensino fundamental durante o processo de aprendizagem da leitura e escrita, que comprometem a formação de conceitos científicos. Conforme mencionam Vigotsky o desenvolvimento dos conceitos espontâneos e não espontâneos, e Libaneo, e as condições e incentivos para aprendizagens com sentido (SOUSA, 2011).

b) “Perfil de escolares do 3º ao 5º ano do ensino fundamental em compreensão de leitura”, considerou a leitura como uma atividade complexa que envolve vários processos cognitivos e que se iniciam na decodificação e se estendem até a compreensão, dando certa relevância ao estudo proposto por Jean Piaget, que com base no seu método de investigação, buscava melhorar a qualidade e eficiência do ensino-aprendizagem. Esse processo de investigação teve como objetivo maior e final, que o educando compreendesse aquilo que lê, o estudo foi aplicado aos alunos dos 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental, que estão em defasagem escolar, na qual estes enfrentam frustrações constantes devido às dificuldades que apresentam nas habilidades da linguagem escrita; para tanto a pesquisadora utilizou dois estudos: o

primeiro visou à elaboração de um instrumento de conceituação teórico e o segundo caracterizou o perfil dos alunos objeto do estudo descrito acima.

Para melhorar a qualidade e eficiência do ensino-aprendizagem, a pesquisadora no primeiro estudo verificou que o instrumento utilizado foi eficaz, pois detectou alunos com dificuldades de compreensão, o segundo detectou dificuldades dos alunos em decodificar, velocidade de leitura e fluência. A autora pesquisou alguns autores como: Ferreira e Dias (2004), Andrade e Dias (2004), Sánchez (2008) entre outros (CUNHA, 2012);

c) “Atividade de formação de professores de Ensino Fundamental I: Leitura como instrumento de ensino – aprendizagem” –, que tem sua preocupação voltada à formação continuada do professor, buscando a compreensão de forma crítica da condução de formação de professores, visando à prática de leitura em todas as áreas do conhecimento do contexto escolar. A fundamentação teórica tem base na teoria da atividade Sócio-Histórico-Cultural, conforme discussões elaboradas por Vigotsky, Leontiev, e Engeström, sobre ensino-aprendizagem e desenvolvimento e a metodologia se apoiou nos pressupostos da Pesquisa Crítica de Colaboração (PCCol), segundo Magalhães (2009). Sua pesquisa foi desenvolvida com professores e gestores de uma Escola Estadual de Tempo Integral de São Paulo (CANUTO, 2012);

d) “Práticas de Leitura nas séries iniciais do ensino fundamental”: Teve por objetivo analisar as práticas de leitura nas séries iniciais do ensino fundamental em uma escola do Sistema Público Municipal de Ensino de Vitória – ES. O interesse em escrever sobre leitura foi baseado no que sempre viu acontecer com seus alunos, o que aconteceu também a ela, o interesse pela leitura diminuía à medida que avançava para outras séries. Destaque para o estudo de Ferreira (2001), que trouxe uma importante contribuição para pesquisadores da área, em seu levantamento das pesquisas sobre leitura no Brasil, de 1980 a 1995.

A pesquisa foi baseada na perspectiva bakhtiniana de linguagem, pois Bakhtin (2003), defende que a leitura é um processo discursivo e permite ao sujeito produzir sentido para os textos lidos ou ouvidos (ANTUNES, 2011).

2.1.1 Alguns conceitos fundamentais

2.1.1.1 O que é ler?

A escola enfrenta muitos desafios, considerando que a leitura e a escrita são dois fenômenos profundamente interligados e um dos desafios está em fazer com que os educandos aprendam a ler e escrever, ou seja, fazer com que compreendam e interpretem textos escritos como um instrumento necessário para atingir um desenvolvimento adequado para agir com autonomia nas sociedades letradas.

No entanto, num enfoque amplo do ensino da leitura, o ensinar a ler para aprender, deve vir acompanhado do ensinar a ler para ler e escrever. Pois:

A leitura constitui-se na atividade fundamental, desenvolvida pela escola para a formação dos alunos, de forma que, se um aluno não se sair bem em outras atividades e for um bom leitor, a escola terá cumprido, em parte, sua tarefa (CAGLIARI, 1992, p. 102).

Leitura e escrita se entrecruzam de forma simultânea, integrada e dialética. Essa integração revela o papel social do texto escrito e favorece sua utilização fora do ambiente escolar. A relação dialética entre a leitura e a escrita pode ser percebida nas palavras de Cagliari (1992, p. 104): “[...] o objetivo da escrita é a leitura, mas quem vai escrever só é capaz de fazê-lo se souber ler o que escreve”. Percebe-se assim, a relevância da leitura sobre a escrita. Portanto, a leitura do mundo é uma habilidade que precede a escrita. Tudo o que se ensina na escola está diretamente ligado à leitura e o que se escreve é para ser lido. Assim sendo, ler e escrever são duas atividades que se conduzem paralelamente.

A leitura serve não só para aprender a ler, mas também para aprender outras dimensões da vida e do mundo. De acordo com Silva (1983, p. 42): “Ao aprender a ler ou a ler para aprender, portanto, o indivíduo executa um ato de conhecer e compreender as realizações humanas através da escrita”.

A leitura deve ser um ato contínuo à escrita, um não pode ser mais valorizado em detrimento do outro. Ela é uma atividade essencialmente ligada à escrita e a escrita é uma atividade que exterioriza o pensamento, e ainda é uma atividade que possibilita a assimilação de conhecimentos, de interiorização e reflexão. Assim:

[...] a aprendizagem da leitura está íntima e decisivamente interligada à aprendizagem da escrita. É cara e coroa da mesma moeda. Da mesma forma que se responde para que, por que ler na escola? Responde-se para que, porque escrever na escola? (GARCIA, 1988, p. 36).

De acordo com Jolibert (1994, p. 15) “ler é atribuir diretamente um sentido a algo escrito”, sem passar pela decifração e oralização. Ler é questionar algo escrito a partir de uma expectativa real, numa verdadeira situação de vida. Questionar um texto é fazer hipóteses a partir de indícios levantados e verificar essas hipóteses. Tal questionamento se desenvolve através de toda uma estratégia de leitura, na qual qualquer indivíduo alfabetizado ou não utiliza.

Para Adam e Starr¹ (1982 apud COLOMER & CAMPS, 2002) ler é a capacidade de entender um texto escrito. Essa definição tão simples de leitura poderia parecer intuitivamente evidente, mas as implicações de sua interpretação não são tão óbvias. Essa definição não corresponde às concepções sobre o que significa ler, presentes até poucas décadas nas teorias e concepções que ainda hoje se podem encontrar em vários métodos escolares de aprendizagem da leitura.

Assim, apesar de reconhecer a afirmação de que ler é entender um texto, a escola contradiz, com certa frequência, tal afirmação ao basear o ensino da leitura em uma série de atividades que se supõe que mostrarão aos educandos como se lê, mas nas quais, paradoxalmente, nunca é prioritário o desejo de que entendam o que diz o texto. É comum, por exemplo, escolherem-se como materiais de leitura pequenos fragmentos de textos ou palavras soltas em função das letras que a compõem, estudarem-se as letras isoladas e segundo uma ordem de aparição preestabelecida, ou se mandar ler em voz alta com a atenção centrada naqueles aspectos que serão

¹ ADAM y STARR (1982). La enseñanza de la comprensión lectora. Madrid: McGraw- Hill

valorizados e corrigidos prioritariamente como: pronúncia correta, velocidade da leitura, etc. O distanciamento dessas práticas educativas de qualquer busca de significado não se baseiam, naturalmente, em uma perversidade intrínseca da escola, mas são consequências de uma concepção leitora que permaneceu vigente durante séculos, até que os avanços teóricos nesse campo, nas últimas décadas, a puseram em questão como dizem Adam e Starr (1985 apud COLOMER, 2002, p. 30):

Quando se lê um texto com significado não se lêem as letras, as palavras e as frases que o compõem do mesmo modo como se fossem apresentadas isoladamente e, inclusive, a velocidade da leitura de uma frase depende do contexto à sua volta.

O significado de um texto, por outro lado, não reside na soma de significados das palavras que o compõem. Nem coincide somente com o que se costuma chamar de significado literal do texto, já que os significados se constroem uns em relação aos outros. A relação entre o texto e o leitor durante a leitura pode ser qualificada como dialética: o leitor baseia-se em seus conhecimentos para interpretar o texto, para extrair um significado, e esse novo significado, por sua vez, permite-lhe criar, modificar, elaborar e incorporar novos conhecimentos em seus esquemas mentais.

Ler, mais do que um simples ato mecânico de decifração de signos gráficos, é antes de tudo um ato de intelecto, já que se trata de saber orientar uma série de raciocínios no sentido da construção de uma interpretação da mensagem escrita a partir da informação proporcionada pelo texto e pelos conhecimentos do leitor ao mesmo tempo.

Assim, para formar leitores, o professor deve ter paixão pela leitura. Concorde-se assim com o escritor francês Bellenger² que a leitura se baseia no desejo e no prazer:

Em que se baseia a leitura? No desejo. Esta resposta é uma opção. É tanto o resultado de uma observação como de uma instituição vivida. Ler é identificar-se com o apaixonado ou com o místico. É ser um pouco clandestino, é abolir o mundo exterior, deportar-se para uma ficção, abrir o parêntese do imaginário. Ler é muitas vezes trancar-se (no sentido próprio é figurado). É manter uma ligação através do tato, do olhar, até mesmo do ouvido (as palavras ressoam). As pessoas lêem com seus corpos. Ler é também sair

² BELLENGER, Lionel. Os métodos de leitura. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

transformado de uma experiência de vida, é esperar alguma coisa. É um sinal de vida, um apelo, uma ocasião de amar sem a certeza de que se vai amar. Pouco a pouco o desejo desaparece sob o prazer (BELLENGER (1979 apud KLEIMAN, 2004, p. 15).

2.1.1.2 O que é letramento?

No Brasil, os estudos sobre letramento iniciaram-se mais efetivamente na segunda metade da década de 1980. A área do conhecimento pioneira foi a Linguística Aplicada. Hoje, contudo, letramento é assunto de debate em diversas outras áreas, como Educação, Antropologia, História e Sociologia. Seguindo as tradições Americana e Europeia, pesquisadores no Brasil começaram a perceber que, embora escolarizadas, as pessoas não sabem fazer uso de seu conhecimento de leitura e escrita para comunicar-se com sucesso em suas interações sociais, pessoais e profissionais.

Assim, o Brasil entra na discussão internacional, incluindo, para tanto, um item vocabular novo em seu léxico: a palavra letramento (ainda não dicionarizada), cunhada, no Brasil, em 1986 (KLEIMAN, 1995), tendo como um dos estudiosos no que se refere aos estudos do letramento no Brasil é, sem dúvidas, o de Paulo Freire, cuja extensa obra é um esforço constante em fazer com que, ao se alfabetizar, o indivíduo conquiste também sua cidadania.

A palavra letramento surgiu para nomear a busca de se registrar usos e funções da modalidade escrita em processos sociais de comunicação. Diferentes comunidades poderiam ter diferentes práticas de letramento. O termo difere-se de alfabetização, uma vez que esta se refere ao processo de ensino e aprendizagem do código escrito. Os usos feitos da leitura e da escrita são socialmente determinados, e, portanto, têm valor e significados específicos para cada comunidade em específico. Sendo assim, o domínio do código escrito é algo que se espera em todas as comunidades nas quais os indivíduos sejam reconhecidos como alfabetizados, enquanto as práticas de letramento podem variar de comunidade para comunidade, e até mesmo de grupos sociais para grupos sociais dentro de uma mesma comunidade.

As pessoas podem ser mais familiares com certas práticas de letramento do que com outras, dependendo do engajamento delas naquela prática social específica. Em contrapartida, as pessoas não podem ser “mais ou menos” alfabetizadas. Elas sabem, ou não sabem ler e escrever. Essas noções não são facilmente aceitas quando tem-se uma realidade social na qual há indivíduos que apenas sabem assinar o próprio nome, outros que são capazes de ler e produzir pequenos textos, outros ainda que tenham o hábito de ler jornal, e outros que usam o código escrito como ferramenta essencial para suas interações diárias, seja no trabalho, na igreja, ou em qualquer outro domínio social.

[...] Alfabetizar é ensinar a ler e a escrever, é tornar o indivíduo capaz de ler e escrever. [...] Alfabetização é a ação de alfabetizar. [...] Letramento é o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita e de suas práticas sociais (SOARES, 2001, p. 31-39).

Afinal, o que é ser alfabetizado e como se define um sujeito letrado? Primeiro, define-se alfabetizado como sendo o conhecedor do código escrito. Aquele que passou pelo processo de aprendizagem da leitura e da escrita é um indivíduo alfabetizado. Quanto à definição de ser letrado, refere-se à capacidade do indivíduo de usar o código escrito para interagir em sua comunidade, quando nesta existem demandas de letramento. Como foi apontada anteriormente, a demanda social de letramento pode variar de comunidade para comunidade, e até dentro de uma mesma comunidade. Elas incluem dentre outras, a leitura de placas, cartazes e painéis, participação em abaixo-assinados, lista de compras, elaboração de cartas e bilhetes, anotação de recados e avisos, conhecimento e uso de vários tipos de textos e suas funções.

Tornar-se letrado é um processo que se inicia logo após a aprendizagem do código escrito, e que não se encerra, desde que o indivíduo se encontre exposto a demandas de letramento. Tornar-se letrado é um processo no qual o indivíduo se engaja mais, ou menos, de acordo com seu papel, seus interesses e suas necessidades na comunidade em que vive. Contudo, o fato de um indivíduo não necessitar do código escrito para interagir socialmente não significa de maneira

alguma que ele seja menos inteligente do que aquele que faz uso da escrita, ou que ele seja incapaz de funcionar satisfatoriamente em seu meio social. O letramento predominante no senso comum é o de se pensar que aquele que não faz uso do código escrito para se comunicar seja incapaz de raciocinar logicamente, de inferir informações ou de se expressar oralmente. Com certeza, pois, há um nível de letramento existente num indivíduo que não utiliza o código escrito (DESCARDECI, 2001).

Nas palavras de Ferreiro (2001, p. 19): “A escrita é importante na escola, porque é importante fora dela e não o contrário”. Retomando a tese defendida por Paulo Freire (1999), os estudos sobre o letramento reconfiguram a conotação política de uma conquista – a alfabetização – que não necessariamente se coloca a serviço da libertação humana. Muito pelo contrário, a história do ensino no Brasil, a despeito de eventuais boas intenções tem deixado rastros de um índice sempre inaceitável de analfabetismo agravado pelo quadro nacional de baixo letramento.

Para se entender esse baixo letramento e ter uma visão do ensino, procurou-se nos dicionários da língua portuguesa a definição de dois vocábulos letrado e iletrado. De acordo com Ferreira (2010) o verbete letrado é definido como “que ou quem é versado em letras; erudito”. No entanto, iletrado “que ou quem não tem conhecimentos literários; analfabeto ou quase”. Os verbetes citados não têm relação com o sentido do letramento, pelo qual está sendo tratado. Portanto, deve-se analisar que não pode ser usado o termo “iletrado”, para dizer que um indivíduo não está num estado pleno de letramento.

Segundo Tfouni (1995), o termo “iletrado”, bem como “iletramento”, é impraticável, no que diz respeito à sociedade considerada moderna e/ou industrializada, centrada na escrita, pois a possibilidade de existir indivíduos que não possuem nem um grau sequer de letramento é quase impossível.

Em consideração ao que Paulo Freire muitas vezes insistiu em sua pedagogia “de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, e ainda, “o ato de aprender a ler e escrever deve começar a partir de uma compreensão muito abrangente do ato de ler o mundo, coisa que os seres humanos fazem antes de ler a palavra” (FREIRE,

1999, p.12). Na verdade, para que a afirmação “quem sabe, ensina a quem não sabe” se recupere de seu carácter autoritário, é preciso que quem sabe saiba sobretudo que “ninguém sabe tudo e que ninguém ignora tudo” (FREIRE, 2009, p. 27).

Isso quer dizer que o indivíduo não é um depósito vazio e zerado antes da alfabetização, os educadores, enchendo-os com informações mecânicas e institucionais, através de uma escolarização. Ele já possui sua peculiar capacidade de leitura dentro do seu contexto social para sobreviver em meio ao grupo em que vive. A alfabetização como a prática do letramento, trará ao indivíduo capacidades, competências, habilidades diversas para que este se envolva com as variadas demandas sociais de leitura e escrita.

Segundo Collelo (2003), é preciso considerar, que as práticas letradas de diferentes comunidades, nos mostram experiências diversificadas com educandos e que os diferentes usos, as várias linguagens, os possíveis posicionamentos do interlocutor, os graus diferenciados de familiaridade temática, as alternativas de instrumentos, portadores de textos e de práticas de produção e interpretação, significa muitas vezes percorrer uma longa trajetória, cuja duração não está prevista nos padrões inflexíveis da programação curricular.

Diante disso, é preciso considerar a reação do aprendiz em face da proposta pedagógica, que se busca de forma significativa. Na dificuldade de lidar com a lógica do “aprenda primeiro para depois ver para que serve”, muitos educandos parecem pouco convencidos a mobilizar os seus esforços em benefício do aprender a ler e a escrever. Deve-se admitir que o processo de aquisição da língua escrita está fortemente vinculado a uma nova condição cognitiva e cultural; diante disso, os educadores esperam que seus educandos se desenvolvam como cidadãos, para configurar na perspectiva do aprendiz como: motivos de resistência ao aprendizado; a negação de um mundo que não é o seu; o temor de perder suas raízes, sua história e referencial; o medo de abalar a primazia até então concedida à oralidade, sua mais típica forma de expressão, o receio de trair seus pares com o ingresso no mundo letrado e a insegurança na conquista da nova identidade, ou seja, alfabetizado.

Assim, a aprendizagem da língua escrita envolve um processo de aculturação – através, e na direção das práticas discursivas de grupos letrados, não sendo, portanto, apenas um processo marcado pelo conflito, como todo processo de aprendizagem, mas também um processo de perda e de luta social.

2.2 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

2.2.1 A leitura de mundo

A leitura constitui-se num poderoso instrumento para a libertação e conscientização do povo e para reconstrução da sociedade. Por isso, é necessário que se combata o desgosto pela leitura. O passo inicial é compreender criticamente os mecanismos e manobras que surgem objetivando manter o povo na ignorância e alienação. A propósito Cagliari (1992, p. 10) comenta que: “Nada melhor que a ignorância para gerar a obediência cega, a subserviência e o conformismo, como destino irrevogável da condição humana”.

Concebendo-se o processo de leitura como instrumento de civilização, reflexão e compreensão, ou seja, a leitura como revelação da palavra e do mundo, tudo isso se constitui em um instrumento de combate à ignorância e à alienação impostas pelo regime dominante.

A censura de livros não é semelhante à censura da televisão ou rádio. O aumento do público leitor significa o acesso à informação não atingida pela tesoura da censura e, por isso mesmo, mais objetivas em termos de colocação. Imagine o problema que seria para a ideologia dominante se a maior parte da população brasileira tivesse acesso, por exemplo, à leitura das obras completas de Marx, Engel, [...], Paulo Freire, etc (SILVA,1991, p. 13).

Não se pode negar que os meios de comunicação sejam produtos de cultura, mas sem dúvida é ainda a forma escrita que, por excelência, é capaz de difundir o conhecimento de forma mais crítica. É preciso admitir que existem obstáculos que se opõem à prática da leitura. Um deles é o fator tempo e o outro, o socioeconômico.

Mas mesmo que esses obstáculos sejam superados, não é o bastante para que se combata a tão propagada crise da leitura. Mesmo existindo livros disponíveis e de fácil acesso, isso não garante por si só que surja a leitura como experiência de prazer e de conhecimento. É preciso também questionar a veracidade da palavra escrita.

Existe o mito em acreditar que tudo o que está registrado através da escrita é absoluto, verdadeiro e imutável.

Algumas pessoas são levadas muito facilmente a acreditar em tudo o que lêem, como se quem publicasse um livro fosse uma espécie de dono do saber. Infelizmente, não é bem assim. A publicação às vezes é mais um jogo econômico, uma máquina de ganhar dinheiro, do que um depósito de cultura e saber (CAGLIARI, 1992, p. 175).

É nesse sentido que o desenvolvimento da criticidade é importante, pois ao leitor caberá discernir o que é bom, o que é real, o que é manipulação. Às vezes, nem tudo o que está escrito pode ser considerado certo. Enfim, o que a leitura vai acrescentar em termos de conhecimento para a difusão da informação crítica, é aquela que vai além da representação da realidade, levando o leitor a perceber como poderia transformar os valores e as práticas sociais.

Algumas informações tanto podem encobrir as contradições sociais, servindo à reprodução da ordem vigente ou podem produzir o conhecimento e a superação dessas contradições, favorecendo assim o processo de tomada de consciência por parte do povo e ajudando na construção de uma nova sociedade. Nesta direção, é relevante observar que:

[...] a conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. Exige que os homens criem sua existência com um material que a vida lhes oferece. [...] conscientização não existe em “estar frente à realidade” assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da “práxis”, ou melhor, sem o ato ação-reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser de transformar o mundo que caracteriza os homens (FREIRE, 1980, p. 26).

As ideias aqui expostas sobre a leitura e conscientização permitem refletir que, de acordo com Silva (1991, p. 25): “Consciência é um atributo estritamente humano, que possibilita ao homem descobrir e alargar as suas representações do mundo”. Ser consciente é poder estabelecer relações entre a parte e o todo, entre o particular e o universal, entre a causa e a consequência.

É a consciência que permite ao homem distanciar-se ou evidenciar o conteúdo de suas experiências e de suas representações, visando analisar e transformar esse conteúdo. É a consciência que diferencia radicalmente o homem do animal. O homem, ao contrário do animal, não se adapta simplesmente a um meio e sim procura transformá-lo, modificá-lo, construí-lo. O homem pensa, planeja e age, construindo o que imaginou, dando um sentido, um significado à sua existência.

Nesse contexto, a leitura é importante, se considerada como um mecanismo de conscientização no sentido de proporcionar um encontro entre o homem e a sua realidade sociocultural. Ou seja, a leitura deve servir de instrumento de integração do indivíduo ao contexto socioeconômico e cultural em que vive. Vale ressaltar que a leitura deve servir como instrumento de conscientização não só para os alunos, mas também para os educadores.

A leitura deve se tornar um hábito para os alunos e uma obrigação para o educador, já que representa um instrumento de crescimento profissional. Sendo o educador um articulador do processo educacional, deve ter a leitura como sua principal ferramenta de trabalho para que possa, através dela, ampliar sua visão de mundo e suas interpretações da história. Em outras palavras, deve ser o educador um bom leitor e conceber a escola como um lugar natural de leitura. Se o educador não é um leitor assíduo, não se preocupa em adquirir conhecimentos e informações, não busca desenvolver seu senso crítico, não pode desenvolver essas atitudes em seus educandos.

Uma educação que objetiva transmitir apenas significados distanciados da vida concreta dos educandos não produz aprendizagem alguma. É necessário que os conceitos (símbolos) estejam em conexão com as experiências dos indivíduos. É um jogo entre o sentir e simbolizar. Este é o ponto fundamental no método de

alfabetização do educador Paulo Freire - aprende-se a escrever quando as palavras se referem às experiências concretamente vividas (FREIRE, 1983).

A importância do ato de ler na perspectiva proposta por Freire significa dizer não à leitura mecânica, à alfabetização mecânica. Não se trata apenas de decodificar a palavra escrita. É preciso interpretá-la, ler criticamente, e isso só é possível a partir do momento em que a escola parte da realidade do mundo do educando. Tal ideia é defendida por Freire, que vivenciou a experiência de ser alfabetizado observando o mundo à sua volta. Foi assim que Freire buscou, desde cedo, a compreensão do ato de ler. Está no fato de que o homem precisa ler o mundo, escrevê-lo e reescrevê-lo para tornar-se construtor da história. Significa compreender o texto criticamente, aprender seus significados.

É preciso observar que a visão transmitida pela escola é sempre uma visão determinada pelas classes dominantes. Não importa se as pessoas elaboram a sua visão de mundo partindo da concreta realidade onde vivem. O que interessa é que todos pensem iguais. Todos devem ver o mundo como querem os dominantes, para que a atual situação se mantenha inalterada. Se cada um começasse a formular o seu pensamento de acordo com a sua situação existencial, pode ser que descobrisse determinadas verdades que o fizesse lutar pela alteração dessa situação.

Dessa forma, Freire (1980, p. 27) diz que: “a conscientização, como atitude crítica dos homens na história, não terminará jamais. Se os homens, como seres que atuam, continuam aderindo a um mundo ‘feito’, ver-se-ão submersos numa nova obscuridade”. De modo geral, muitas escolas não respeitam as diferenças, não oferecendo aos alunos os meios para que sua aprendizagem seja significativa. A escola é a entidade que tem por incumbência não apenas ensinar a ler, mas fazer com que o aluno adquira o hábito de leitura e não mais perca a condição de leitor. O ato de ler abre novas perspectivas para o leitor, permitindo-lhe posicionar-se criticamente diante da realidade.

Para tal situação Jolibert, (1994, p. 14) diz o seguinte: “[...] à criança se ensina a ler com a nossa ajuda, mas também com a ajuda dos pais e de todos os leitores

encontrados”. É preciso esclarecer que cada criança possui seus próprios processos, suas etapas, seus obstáculos a vencer. Nesse sentido, ensinar é ajudar alguém em seus próprios processos de aprendizado. Assim sendo, é tarefa do professor proporcionar às crianças situações de leitura simultaneamente efetivas e muito diversificadas. Ajudar as crianças a interrogarem o escrito: procura de sentido, hipóteses a partir de indícios e verificação, ajudá-los também, a elucidar suas próprias estratégias de leitura.

Uma preocupação que a escola deve ter é que não se lê para aprender a ler, mas sim por causa de um interesse imediato. Eis alguns exemplos de situações de leitura: ler para responder à necessidade de viver com os outros na sala de aula e na escola; ler para se comunicar com o exterior; ler para descobrir as informações das quais se necessita; ler para alimentar e estimular o imaginário; ler para brincar, para construir.

Os educadores devem garantir que os educandos sintam-se motivados para aprender a ler. E isso inclui colocar a leitura como algo interessante, que os desafie, embora possam contar com a ajuda do professor. As crianças não aprendem espontaneamente, nem por si mesmas. Aprendem reflexivamente, quando alguém as coloca em situação de pensar, quando algo ou alguém as estimule, incentive. Assim sendo, o educador é o protagonista da aprendizagem de seus alunos, devendo contemplar o conjunto bastante amplo de estratégias complementares que os alunos utilizam em sua aproximação com a leitura.

Os professores devem proteger-se e também proteger os seus alunos dos efeitos de programas e testes que podem convencê-los de que ler é algo sem sentido, sofrido e inútil, ao invés de ser algo satisfatório, útil e frequentemente divertido. Enquanto os professores não puderem impedir os alunos de se envolverem em atividades inúteis ou de se submeterem a testes ritualistas, eles poderão, pelo menos, explicar a diferença para as crianças. O desprazer pela leitura pode estar no ato de ler como uma forma para manter quieta a criança na sala de aula. Nesse sentido, a leitura torna-se uma atividade desagradável (SMITH, 1999, p. 139).

Buscar-se-á enfim, caminhar por veredas diferentes visando mostrar as possibilidades de se desenvolver o gosto pela leitura no contexto escolar. No

entanto, tal tarefa não é somente da escola. A própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) estabelece, no art. 2º da Lei nº 9.394/96, “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Nesse sentido:

Se a Educação em nosso país fosse tratada como deveria ser, se fosse levada a sério, a questão da leitura poderia estar melhor hoje. Os órgãos educacionais deveriam preocupar-se mais com a leitura do País, realizando campanhas em toda a sociedade, a fim de conscientizar os cidadãos para o papel da leitura. Essa divulgação poderia ser por intermédio do rádio, televisão, jornal, cinema. Será que daria certo ou seria utopia? Seria preciso colocar à frente dessas campanhas os profissionais da leitura e não as Angélicas e Xuxas (CONTIERO, 2001, p. 50).

Se houvesse uma política que privilegiasse a questão da leitura, o Brasil sairia da penúria, levando as pessoas à luta por seus direitos. Assim sendo, seria dado o poder da interpretação e da criticidade, habilidades estas desenvolvidas através da leitura.

2.2.2 A função social da leitura

Numa sociedade constituída de classes onde os interesses antagônicos são uma constante, a leitura é privilégio e não direito de todos. Isso leva a discutir a respeito da função social da leitura. Dentro do aspecto social, a definição de leitura sofre distorções em relação aos outros significados do ato de ler, porque a sociedade alega a falta de capacidade do povo para a leitura. Assim, a leitura é confundida com o processo de alfabetização e comunicação, decodificação e sinais gráficos, tradução de símbolos orais, bem como a aprendizagem de normas gramaticais e outras práticas similares.

É evidente que para ler é necessário identificar estes sinais gráficos, mas, na verdade, o que quer questionar é a prática da aprendizagem destes sinais gráficos

de uma forma que sirva para a instauração de uma nova ordem social, justa e democrática e não uma leitura de forma reducionista e mecânica, ou seja, que o ato de ler contribua para o desenvolvimento do senso crítico no sentido de levar os alunos a perceberem as contradições sociais, a exploração, provocando o desenvolvimento da autonomia para influenciar no comportamento visando à transformação da sociedade.

Numa sociedade como a brasileira, estruturada sobre bases colonizadoras e capitalistas que enfraquecem a visão crítica de si mesmo e da realidade, e que condicionam os padrões de comportamento à base da massificação, não prevalece a valorização da linguagem, da sensibilidade e da fantasia. Essa linguagem da arte e dos livros tem o poder de gerar mais lucidez e maior resistência contra os riscos de uma dominação desumanizadora que se impõe como ordem social na realidade movida pelo pragmatismo materialista. Nesta direção, é importante observar que:

[...] um conjunto de restrições agudas que impedem a fruição da leitura do livro por milhões de leitores em potencial. É essa mesma lei-dura que vem colocar a leitura numa situação de crise, num reflexo de crises maiores presentes em nossa sociedade (SILVA, 1983, p. 16).

O autor prossegue, justificando a conveniência de se manter os livros inacessíveis ao povo, afirmando que eles: “[...] quando bem selecionados e lidos, estimulam a crítica, a contestação e a transformação - elementos estes que colocam em risco a estrutura social vigente e, portanto, o regime de privilégios” (SILVA, 1983, p. 16).

A escola é o lugar onde, por princípio, é veiculado o conhecimento que a sociedade julga necessário transmitir às novas gerações. Para cumprir o seu papel, de contribuir para o pleno desenvolvimento da pessoa, prepará-la para a cidadania e qualificá-la para o trabalho, como definem a Constituição Federal (CF) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), é necessário que suas incumbências sejam exercidas plenamente. É preciso ousar construir uma escola onde todos sejam acolhidos e tenham sucesso. É preciso que a escola assuma uma das suas funções, que é formar alunos que utilizem a escrita e a leitura em suas vidas, como ferramenta de cidadania.

Diferentes setores de educação e cultura do país, órgãos, associações, sindicatos etc. que se comprometem com ideais e interesses coletivos, profissionais atuantes em diversas áreas (religiosa, técnica, científica, social) podem colaborar para a alteração da ordem instituída, auxiliando na formação de uma mentalidade mais comunitária, cívica, menos domesticada. A leitura, em termos bem amplos da sua concepção crítica, passa pelos caminhos da consciência de cidadão da Pátria e do mundo.

Ainda que educadores brasileiros, no geral, pertençam ao plano dos não-privilegiados - o que dificulta a sua qualificação profissional que se faz, inclusive, com investimentos em livros, cursos, pesquisas, etc. - espera-se que a partir deles se alastrem novas mentalidades, com maior nível de consciência. A educação promovida pelas escolas não é suficiente para, sozinha, revolucionar todo o contexto brasileiro, porque as crianças e jovens que ela alcança não equivalem à maioria do país.

Ainda que se tenha a certeza de que a crise da leitura e da linguagem contextualiza-se, a comunidade como um todo deve ser promotora de leitura na escola, parcialmente responsável pela instauração de uma nova ordem, construída a partir da reflexão e da abertura das comportas do imaginário.

Sabe-se que a leitura constitui-se numa prática social utilizada com diferentes funções. O que leva o homem a ler é a necessidade. Necessidade de obter e ampliar orientações específicas sobre algumas questões ou assunto, bem como a necessidade de estar informado em relação aos acontecimentos da realidade cotidiana: ler por prazer, para aprender a utilizar um objeto, para situar-se no mundo, para entender o mundo. Esta prática possibilitará a participação de uma transformação social onde a democracia contrarie o sistema de dominação, que se adequa à realidade consumista predominante.

2.2.3 O papel do educador

O papel do educador é relevante para com os educandos e segundo Portugal (1998, p. 198):

O educador deve ser alguém que permite o desenvolvimento de relações de confiança e de prazer através da atenção, gestos, palavras e atitudes. Deve ser alguém que estabeleça limites claros e seguros que permitam à criança sentir-se protegida de decisões e escolhas para as quais ela ainda não tem suficiente maturidade, mas que ao mesmo tempo permitam o desenvolvimento da autonomia e autoconfiança sempre que possível. Deve ser alguém verbalmente estimulante, com capacidade de empatia e de expansividade, promovendo a linguagem da criança através de interações recíprocas e o seu desenvolvimento sócio emocional.

Assim promove-se uma relação proximal entre educador/educando, entendendo a visão de Vygostky quando se refere à Zona de Desenvolvimento Proximal (ZPD).

2.2.3.1 Zona de desenvolvimento proximal

No processo ensino-aprendizagem, a intervenção é uma ação de muita importância para o desenvolvimento e aprendizado do educando. O educador tem o papel de interventor na Zona de Desenvolvimento Proximal do aluno, de forma a provocar desempenhos avançados que não ocorreriam sem a sua intervenção. A escola e o educador que desejam alcançar o sucesso de todos os alunos terão de se incumbir desta prática pedagógica.

Portanto, interferindo constantemente na Zona de Desenvolvimento Proximal da criança, os adultos e os colegas mais experientes contribuem para movimentar os processos de desenvolvimento das crianças ainda imaturas. Eles exercem o papel de mediadores no processo de desenvolvimento da criança, levando-a a acionar os mecanismos em processo de maturação. Para Vygotsky, o aprendizado impulsiona o desenvolvimento, daí o papel da escola na construção do “ser psicológico” adulto dos indivíduos que vivem em sociedades escolarizadas (RIBEIRO, 1999, p. 44).

Entretanto, nesse percurso, é necessário observar sempre as possibilidades das crianças e o nível de desenvolvimento potencial de cada uma.

[...] o processo ensino-aprendizagem na escola será construído a partir do nível de desenvolvimento real da criança, num determinado momento, em relação a um dado conteúdo curricular a ser desenvolvido, tendo em vista os objetivos e metas estabelecidas pela escola e professor para aquele ano escolar e para cada grupo de crianças que atendem (WEISZ, 2000, p. 65).

Diante disso, o professor não precisa mais trabalhar o que a criança já sabe; precisa sim trabalhar o que ela não sabe, mas que precisa aprender, e que certamente aprenderá com o professor e colegas na intervenção. O professor precisa compreender o caminho de aprendizagem que o aluno está percorrendo, e em decorrência disso, identificar as informações e as atividades que permitem à criança avançar do patamar de conhecimento que já conquistou para outro mais evoluído.

Para Ribeiro (1999, p. 46),

O educador deve ficar atento para as construções do aluno, as surpresas que podem surgir de sua intervenção, para não corrigi-las, mas para acompanhá-las em suas particularidades, como manifestação de alternativas de construção da inteligência e de elaboração do conhecimento histórico socializado.

Entretanto, a atenção do educador se encaminha para acolher tudo o que for possível da construção manifestada pela criança, por mais estranha que pareça, para intervir com novos desafios na direção da operatividade da inteligência, na reconstrução do conhecimento histórico socializado, sem determinar um produto acabado.

[...] a intervenção é uma atuação mediadora que irá acompanhar as construções do sujeito diante de certas modalidades em que o objeto se lhe apresenta. O eixo da intervenção, na teoria de Piaget, é o sujeito em seu movimento de construção do conhecimento (FERREIRO, 1985, p. 226).

Ferreiro (1985, p. 226), continua esclarecendo: “A inteligência, não sendo herdada, constrói-se na relação sujeito-objeto”. Entretanto, a intervenção do professor é uma

relação mediadora entre o sujeito e o objeto na construção do conhecimento, da inteligência.

As atividades de intervenção do educador terão como ponto de partida as experiências do cotidiano da criança, tendo em vista o seu universo cultural. Conhecendo e considerando os conhecimentos prévios da criança, é possível organizar situações de aprendizagem mais significativas.

[...] propor sempre situações significativas que possibilitem ao aluno utilizar suas idéias, valorizando as manifestações espontâneas da criança, além de oportunizar sempre o planejamento coletivo das atividades e projetos pedagógicos, criando espaços na sala de aula, para que os alunos participem ativamente das decisões. Estimular a construção do real a partir do social, proporcionando assim o desenvolvimento da autonomia, criando espaços na sala de aula para que as crianças possam ampliar suas leituras de mundo, enfim, utilizando o lúdico, o brinquedo, como instrumento que permita à criança a possibilidade de desenvolver e fazer representações (RIBEIRO, 1999, p. 65).

Percebe-se que as intervenções pedagógicas nas salas de aula devem constituir-se em acordo e partilha orientada para a criança e para a sua evolução nos níveis psicogenéticos e cognitivos, visando também ao seu desenvolvimento integral e criativo, além da alfabetização em si mesmo, [...] trata-se de uma prática de construção do conhecimento que, às vezes fica escondida na Zona de Desenvolvimento Proximal da criança (WEISZ, 2000, p. 70). Entretanto, o educador, acompanhando o educando, desafiando-o e propondo-lhe situações desafiadoras a partir do seu desenvolvimento, e atuando na Zona de Desenvolvimento Proximal, rapidamente fará com que a criança alcance o seu desenvolvimento.

É importante que todos os educadores invistam nas crianças, não as deixando à margem de suas reais necessidades. A prática da leitura na escola precisa se assemelhar à prática da leitura fora da escola. As crianças precisam saber que lê-se por diferentes razões e que a leitura não é feita em todos os textos da mesma forma. Elas merecem que os adultos leiam diariamente para elas. Ler para os alunos é uma atividade fundamental. Antes de ler um texto para a classe, o educador precisa

conhecê-lo, para que possa comentar as razões de sua escolha e demonstrar seu interesse de leitor em compartilhar suas descobertas.

Para motivar a classe, é possível criar situações que despertem uma emoção especial, por exemplo, ler uma história “de medo” em um lugar escuro, modificando a entonação da voz. Ler não deve ser uma atividade extra, quando sobra tempo, quando a turma está muito agitada ou quando faltaram muitos alunos. A leitura precisa ocupar o horário nobre da aula, deve ser parte integrante da pedagogia a ser desenvolvida nos processos de ensino-aprendizagem.

Muitos alunos talvez não tenham muitas oportunidades, fora da escola, de familiarizar-se com a leitura; talvez não vejam muitos adultos lendo, talvez ninguém lhes leia livros com frequência. A escola não pode compensar as injustiças e as desigualdades sociais que nos assolam, mas pode fazer muito para evitar que sejam acirradas em seu interior. Ajudar os alunos a ler, a fazer com que se interessem pela leitura, é dotá-los de um instrumento de aculturação e de tomada de consciência cuja funcionalidade escapa dos limites da instituição (SOLÉ, 1998, p. 59).

Ler, como qualquer aprendizagem, requer dedicação, por isso os alunos devem ter a oportunidade de encarar o livro como um desafio interessante que abrirá portas, não só para o conhecimento, mas também para o entretenimento e a diversão.

2.2.4 Leitura: fatores que interferem na sua aprendizagem

A atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos educandos é a leitura, sendo esta a extensão da escola para a vida das pessoas. Entretanto, faz-se necessário que os professores ajudem as crianças a descobrir nos textos sua face mais pessoal e prazerosa, sua dimensão mais encantadora e envolvente.

A leitura e escrita são processos muito complexos e as dificuldades podem ocorrer de maneiras diversas, além disso, tem-se a aquisição da leitura e escrita como fator fundamental e favorecedor dos conhecimentos futuros; é uma ferramenta essencial,

ou mesmo a estrutura mestra onde serão alicerçadas as demais aquisições. Diante deste fato, objeto de queixas de educadores, pais e profissionais ligados à área, torna-se difícil distinguir onde se encontra a falha, seja de ordem da dinâmica individual, seja de ordem do meio, ou seja, devido à síndrome psicossocial, onde estão envolvidas as três vertentes ao mesmo tempo: o indivíduo, a escola e a comunidade.

Sabe-se que há uma estreita relação entre a capacidade da leitura de forma mecânica e a possibilidade de compreensão, assim sendo, a criança que apresenta pouca eficiência na leitura, conseqüentemente apresentará dificuldades severas na compreensão do que lê. Por outro lado, há indivíduos que mesmo não apresentando deficiência na identificação das palavras, ou seja, mesmo podendo traduzir literalmente as ideias propostas no texto, manifestam dificuldades para compreendê-lo, para estabelecer uma inferência e crítica. Jorm (1985), diz que a dificuldade de leitura está associada à capacidade de lidar com informações para que haja compreensão e entendimento do que foi lido.

São os leitores com déficits específicos de compreensão, encontrados não somente no Ensino Fundamental e Médio, mas também e, principalmente, nos cursos Universitários e em adultos já formados.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa bibliográfica constou da análise de artigos científicos embasados na proposta de letramento e nas práticas de leitura vivenciadas, tendo como autores interlocutores: Freire, Ferreiro, Vigotsky, dentre outros. Contudo, assumiu-se a perspectiva Freireana com maior intensidade, de maneira que Paulo Freire exerceu maior influência no estudo em que se refere à leitura.

Atentando para o problema ora descrito neste trabalho, onde se tem promovido vários discursos sobre a temática “prática da leitura” no universo escolar, em especial com os educando do 3º ano dos anos iniciais, a pesquisa visa identificar as práticas docentes, em especial nos anos iniciais, por intermédio das contribuições da pesquisa-ação.

O planejamento da pesquisa-ação difere significativamente dos outros tipos de pesquisa já considerados. Não apenas em virtude de sua flexibilidade, mas, sobretudo, porque, além dos aspectos referentes à pesquisa propriamente dita, envolve também a ação dos pesquisadores e dos grupos interessados (Gil, 2010, p. 151).

Esse tipo de pesquisa ao ambiente escolar permite captar a realidade do grupo no qual se pretende interagir e analisar, permitindo ainda que o investigador / pesquisador seja um agente social contextualizado, e também permite visualizar no ambiente de sala de aula a prática do educador no processo de ensino-aprendizagem da leitura e se o mesmo possui algum tipo de apoio ao seu trabalho docente, presente em cada fazer pedagógico. Nesse sentido, os fatos e as ações que fazem parte do foco da pesquisa qualitativa permitem que as propostas metodológicas sejam desenvolvidas em uma perspectiva aberta entre os sujeitos envolvidos (LÜDKE e ANDRÉ, 1986).

Uma das características da investigação qualitativa é a ênfase aos aspectos que são particulares ao universo de pesquisa e de análise das investigações. Ela revela peculiaridades dos grupos ou acontecimentos sujeitos à sua apreciação, uma vez

que os sujeitos envolvidos desencadeiam o processo de construção da pesquisa e possuem um papel importante nos estudos implicados nas situações a serem vivenciadas, bem como nos temas a serem desenvolvidos, sendo um norteador para a pesquisa-ação.

Segundo Thiollent (2003, p. 21-22),

[...] a pesquisa-ação não deixa de ser uma forma de experimentação em situação real, na qual os pesquisadores intervêm conscientemente. Os participantes não são reduzidos a cobaias e desempenham papel ativo. Além disso, na pesquisa em situação real, as variáveis não são isoláveis. Todas elas interferem no que está sendo observado. Apesar disso, trata-se de uma forma de experimentação na qual os indivíduos ou grupos mudam alguns aspectos da situação pelas ações que decidiram aplicar. Da observação e da avaliação dessas ações, e também pela evidenciação dos obstáculos encontrados no caminho, há um ganho de informação a ser captado e restituído como elemento de conhecimento.

Neste tipo de estudo, o planejamento da pesquisa é (re)elaborado de acordo com as necessidades do trabalho, para que possam surgir novas “[...] preocupações a serem adaptadas em função das circunstâncias e da dinâmica interna do grupo de pesquisadores no seu relacionamento com a situação investigada” (THIOLLENT, 2003, p. 47). Os indivíduos envolvidos na pesquisa-ação passam a entender suas ações de maneira mais racional diante das circunstâncias específicas nas quais estão envolvidos e perpassam a relação entre teoria e prática, sob uma dimensão articulada, que pressupõe a aproximação de diferentes. Suas práticas, postas à reflexão com o auxílio teórico, tornam-se acessíveis ao debate e à própria reconstrução de suas concepções. Neste contexto, é possível, por meio da pesquisa-ação, estudar de forma dinâmica as dificuldades e necessidades, considerando a realidade investigada e seus agentes.

Thiollent (2003, p. 16) fundamenta os aspectos básicos da pesquisa-ação:

- a) há uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada;
- b) desta interação resulta a ordem de prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob forma de ação concreta;

- c) o objeto de investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontrados nesta situação;
- d) o objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada;
- e) há, durante o processo, um acompanhamento das decisões, das ações e de toda a atividade intencional dos atores da situação;
- f) a pesquisa não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo): pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o 'nível de consciência' das pessoas e grupos considerados.

Ao mesmo tempo em que o processo busca o envolvimento dos sujeitos, implica acréscimos no conhecimento e nas reflexões dos participantes. De acordo com Barbier (2007, p. 115):

Por meio dos processos de ação, visando resolver questões existenciais, ao mesmo tempo pessoais e comunitárias, a pesquisa-ação deveria resultar num aumento de discernimento em cada participante. Não se trata, pois, de produzir mais 'saber', mas de melhor 'conhecer' a realidade do mundo tal qual nós a percebemos nas nossas interações.

Assim, este tipo de metodologia busca uma relação entre os pesquisadores e as pessoas da situação investigada, de forma próxima e integrada, consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação pesquisada, possibilitando o aumento do conhecimento dos sujeitos envolvidos, ampliando as possibilidades de trocas de experiências e de aprendizagens que auxiliarão em suas práticas diárias, proporcionando que o conhecimento seja gerado em processos investigativos e de preenchimento de lacunas, na prática do ensino-aprendizagem.

3.2 SUJEITOS DA PESQUISA:

3.2.1 A Escola: Histórico da Instituição

A EMEF "Professora Efigênia Sizenando" foi fundada em 1959, por meio do **DECRETO** 853, sendo administrada pela professora Efigênia Evangelista Sizenando, com o nome de Escola singular Cabeceira Córrego Farias, com apenas

turmas de 1ª e 2ª séries. Em 2002, de acordo com a Lei nº 3043/75, o então secretário de Estado da Educação, Sérgio Misse, publicou a Portaria nº 055-R, de 12/06/2002, classificando as unidades escolares da rede estadual de ensino. A partir desta data, a escola passou a chamar-se Escola Estadual de Ensino Fundamental “Professora Efigênia Sizenando”. Em 2005, integrou-se definitivamente à Rede Municipal passando a chamar-se Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora “Efigênia Sizenando” (grifo do autor), sendo mantida pela Prefeitura Municipal de Linhares.

3.2.1.1 Projeto Político Pedagógico da Escola – Uma visão geral

De acordo com o Projeto Político Pedagógico, ao longo desses anos, a escola contribuiu na formação e no crescimento profissional, intelectual e social de seus educandos, em um crescimento gradativo, pois desde a sua fundação até hoje, foi possível a ampliação da escola, com mais salas de aula, ensino fundamental completo, educadores capacitados, desenvolvimento de projetos, melhorando assim a qualidade do ensino.

O Distrito do Farias tem aproximadamente 1000 habitantes, está situado ao norte do município de Linhares e possui uma pequena área, onde estão localizados pontos comerciais, igrejas, residências, o posto de saúde, a quadra de esportes, o campo de futebol, a sede da Associação de Pequenos Produtores Rurais do Córrego Farias (APRUCOF), a EMEF “Professora Efigênia Sizenando”, o CEIM “Wenderson de Freitas Nico” e o Centro de Referência de Apoio Social (CRAS).

A população vive em sua maioria na área rural da comunidade, onde a oferta de emprego se concentra no trabalho agrícola, grande parte diarista, com renda igual ou superior ao salário mínimo rural (R\$ 737,00) de acordo com a convenção coletiva dos trabalhadores rurais, alguns trabalham na usina de cana (Lasa).

A escola atende, em média, 370 a 400 alunos, e o hábito de leitura não é comum entre seus familiares, este quadro contribui para a distorção idade/série, que é um dos grandes problemas enfrentados pela comunidade escolar, e para melhorar esta

realidade são desenvolvidas ações para alcançar estes alunos e motivá-los a prosseguir nos estudos a fim de concluí-los. Entre os projetos/programas implementados pela escola, é o “Mais Educação”, é o que tem a proposta direcionada para atender esta demanda, favorecendo uma aproximação com a prática do ensino, através das oficinas.

A escola tem como desafio contribuir para mudar a realidade das famílias com relação à conclusão dos estudos na idade certa, promovendo ações que incentivem a prática da leitura, interpretação e leitura de mundo, dando visibilidade às ações dos alunos; procura ainda encontrar novas relações entre a criança, o meio, o educador, o material pedagógico e a comunidade, tendo assim uma visão sociointeracionista, em que as relações interpessoais são importantes para o desenvolvimento humano, pois é na interação com pessoas que a criança conhece o mundo, modifica-o e é transformada por ele.

O papel essencial da EMEF “Professora Efigênia Sizenando” é proporcionar situações de aprendizagem que se baseiem nos princípios de convivência, solidariedade, justiça, respeito, valorização da vida na diversidade, na busca do conhecimento. Nessa perspectiva, utiliza-se uma metodologia cooperativa e participativa, que contribua na construção da autonomia moral e intelectual de todos os envolvidos no processo educativo, buscando humanização e a mudança social.

O ensino deve levar em consideração as experiências dos alunos, porque elas são parte da aprendizagem e do fundamento para novas aprendizagens. O bom educador explora tais experiências nos debates em sala de aula, tendo o cuidado de não se colocar fora do grupo, como dono da verdade, e sim como parte efetiva do mesmo, estando "aberto" para participação junto com o grupo, tendo paciência e humildade para ouvir e até receber críticas.

Defende, portanto, um modelo de profissional que privilegia uma metodologia que favorece a mudança, propondo trabalhos ou tarefas cuja resolução seja uma relação de ajuda, que não consista em dar a resposta pronta, mas em saber fazer perguntas desafiadoras e orientadas, tratando o erro cometido como uma resposta ao desenvolvimento de novas habilidades, observando e avaliando os diversos tipos de

interações da criança com o meio, seu conteúdo subjetivo, sua história de vida; enfatizando, enfim, o diálogo, o debate, a troca de ideias, a participação.

Considerando sua localidade, a escola sofre com a rotatividade de educadores, pois muitos não residem nas proximidades. Nos últimos anos, alguns profissionais tanto efetivos quanto em Designação Temporária (DT), têm escolhido permanecer e ou voltar aos quadros de funcionários da escola para trabalhar. Este fator é importante para determinar o perfil escolar, e delimitar ações com base no padrão de desempenho do profissional junto aos educandos, para que os instrumentos de avaliação internos e externos possam ganhar cada vez mais qualidade e uniformidade, a fim de se melhorar as ações escolares.

A Secretaria Municipal de Educação do município oferece a estes profissionais cursos de formação continuada, ou em parceria com a Universidade Federal do Estado do Espírito Santo (UFES), cursos por áreas específicas, encontro de áreas, planejamentos individuais e coletivos, além de dias de estudo previstos em calendário.

3.2 INSTRUMENTOS PARA A COLETA/PRODUÇÃO DE DADOS

A parte prática realizou-se por meio de uma pesquisa-ação, constituída de uma entrevista estruturada com dois questionários aplicados conforme (Apêndices A e B) a 54 (cinquenta e quatro) educandos, considerando-se duas salas de terceiro ano e (08) educadores que atuam na formação dos educandos na Escola objeto desse estudo, que proporcionou a elaboração de uma proposta de intervenção pedagógica, envolvendo os sujeitos da pesquisa.

3.3 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Após a coleta dos dados, buscou-se resposta ao ponto gerador desta pesquisa, qual seja: a situação dos educandos do ensino superior que não têm consciência da importância da necessidade da leitura para desenvolver a aprendizagem. Após a realização da pesquisa bibliográfica e pesquisa-ação, pode-se destacar que ler é um ato que precede a escrita e que a leitura é uma atividade desenvolvida na escola, devendo o educador ter paixão pela leitura e despertar o desejo em seus educandos em serem bons leitores.

Nos programas do governo, de capacitação do educador, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PINAIC), enfatiza a produção autônoma de textos pelos educandos, buscando desenvolver o processo de alfabetização, tendo como premissa “O QUE ESCREVE, PARA QUEM ESCREVE”, dando assim um direcionamento para o educando, diante desses termos, buscando encontrar uma solução para as dificuldades da EMEF Profª Efigênia Sizenando.

Para que haja interação entre pesquisador e grupo, considerando o educador parte relevante na formação do educando, é ele (educador) o responsável em despertar no aluno o desejo e a compreensão da necessidade de ler/interpretar e escrever, dessa forma propõe-se o seguinte:

Primeiro – O educador deverá escolher um livro que tenha lido na sua infância e lê-lo para a turma; após a leitura fará uma apresentação para sua classe, primeiro do que ele entendeu quando era criança e hoje como ele interpreta esta história. Fazer o educador voltar ao tempo da infância é como ele se colocar no lugar do educando. Internalizar o significado da leitura para ele.

Segundo – Pedir ao aluno que fale sobre um livro que goste muito e o porquê de gostar daquela leitura. Em seguida, o aluno deverá pesquisar em casa com seus pais se eles teriam uma história lida que fosse importante para eles e o porquê. Fazer o resumo da história que os pais contaram e trazer para compartilhar com a sala o resultado da pesquisa. Os alunos que não conseguirem pesquisar com a

família podem fazer o resumo de seu próprio livro, e posteriormente propor a reunião desses resumos em uma pasta, para utilização nos próximos 3^{os} anos, como material de leitura.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 EDUCANDOS

Dos 54 (cinquenta e quatro) educandos, 49 (quarenta e nove) responderam ao questionário. A escola objeto deste estudo tem duas salas de 3º ano; foi perguntado o seguinte: “Você considera importante para o aprendizado ter o hábito da leitura?” Todos os entrevistados consideraram o hábito da leitura importante para o aprendizado. No gráfico 01, 47% (quarenta e sete por cento) dos alunos gostam de ler Gibi (história em quadrinhos), 37% (trinta e sete por cento) gostam de ler livros infantis, e 16% (dezesesseis por cento) gostam de ler outras revistas.

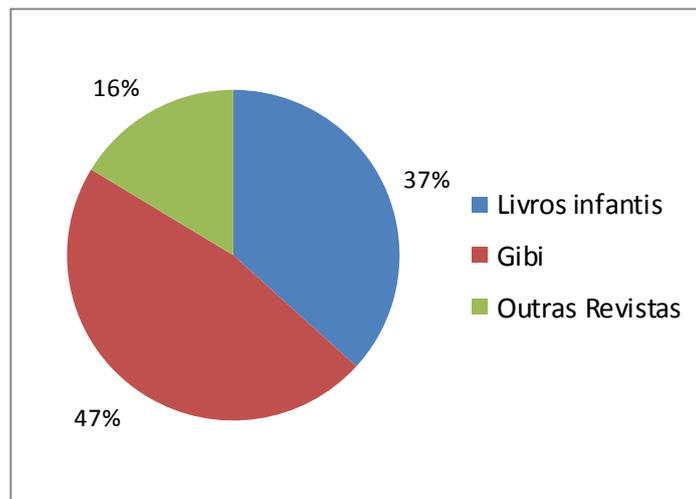


Gráfico 01 - O que você gosta de ler?

Sabe-se que o gosto pela leitura é um fator determinante no processo de ensino-aprendizagem da leitura, pois, com o hábito da leitura, ficará mais fácil ensinar e mostrar a sua importância para o futuro dos educandos.

No gráfico 02, identificou-se que: trinta e três por cento dos educandos leem todos os dias; doze por cento leem 5 vezes por semana; oito por cento leem três vezes por

semana; dezesseis por cento leem 2 vezes por semana; e trinta e um por cento têm o hábito de ler somente uma vez por semana.

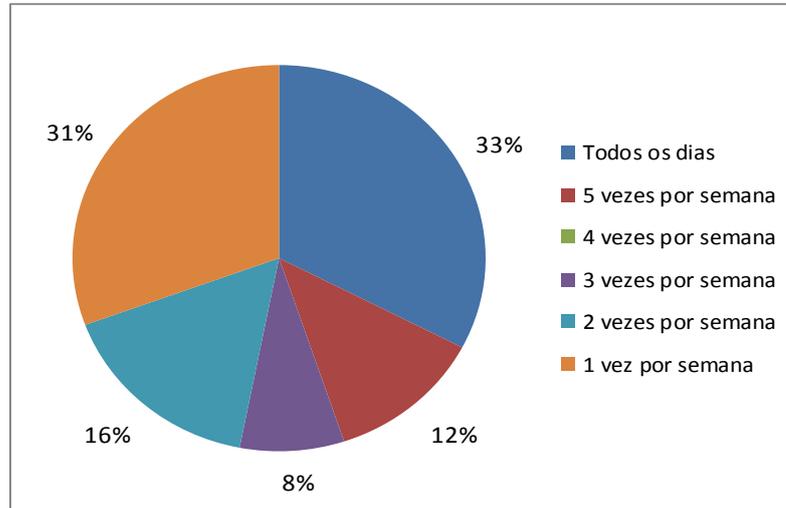


Gráfico 02 - Com que frequência você lê?

A aprendizagem da leitura é um conteúdo procedimental, ou seja, aprende-se a ler lendo; quanto mais se propõe leitura de diversos textos para o educando, mais ele desenvolve a competência leitora. Sendo assim, pelos dados obtidos percebe-se que esta prática deveria ser mais estimulada nas aulas.

Quando perguntado: “Você lê notícias publicadas em jornais?” Sessenta e três por cento dos educandos responderam que não, haja vista que para região, poucos pais têm o hábito da leitura do mesmo. E sobre o local preferido para leitura, quarenta e um por cento disseram ser em casa. Este dado demonstra que os alunos preferem a leitura feita em casa por estar longe da avaliação e cobranças de educadores e colegas, conforme os gráficos 03 e 04 respectivamente.

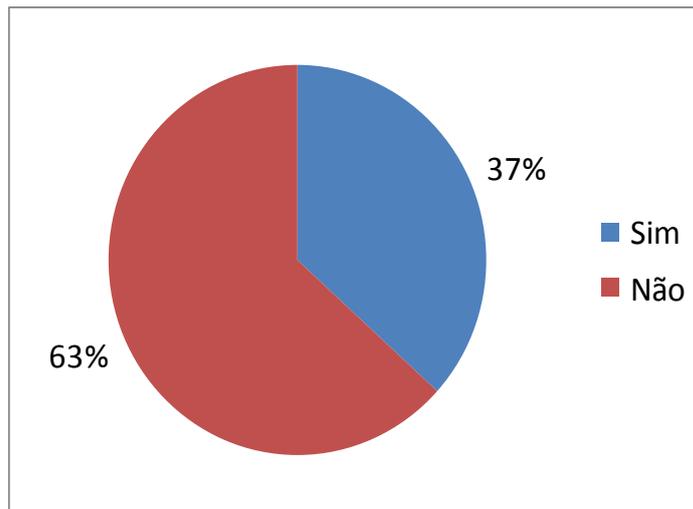


Gráfico 03 - Você lê notícias publicadas em jornais?

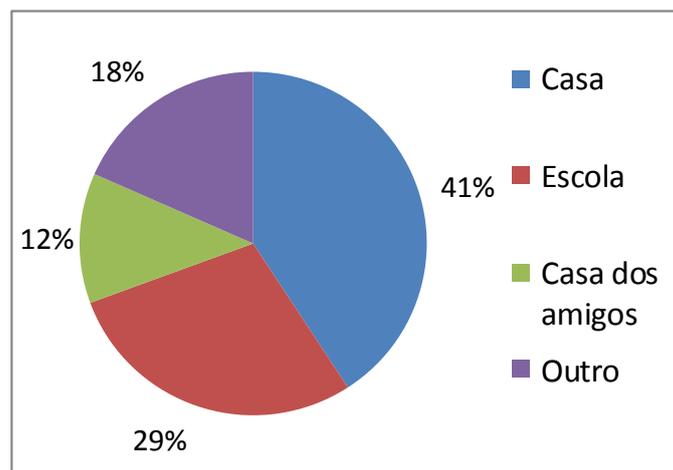


Gráfico 04 - Onde você gosta de ler, preferencialmente?

Na pergunta: "O que lhe chama mais atenção nos textos?" Trinta e nove por cento dos educandos responderam que o assunto em si, é o que chama mais atenção, por isso, a importância de o educador estar atento, para que sua aula tenha um diferencial, conforme gráfico 05.

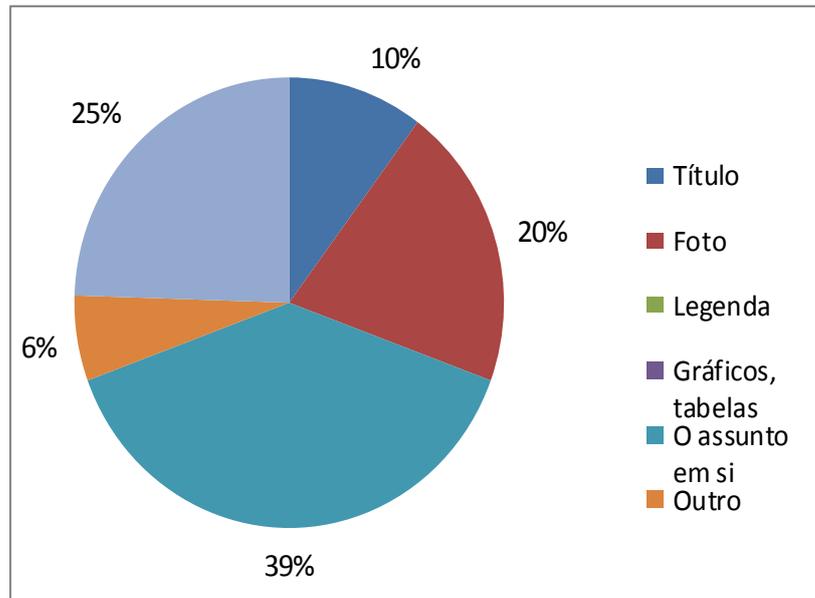


Gráfico 05 - O que lhe chama mais atenção nos textos?

De acordo com as respostas dos educandos em gostar de ler em casa, o gráfico 06 nos mostra que setenta e dois por cento dos educandos dedicam de 05 a 10 minutos diários à leitura.

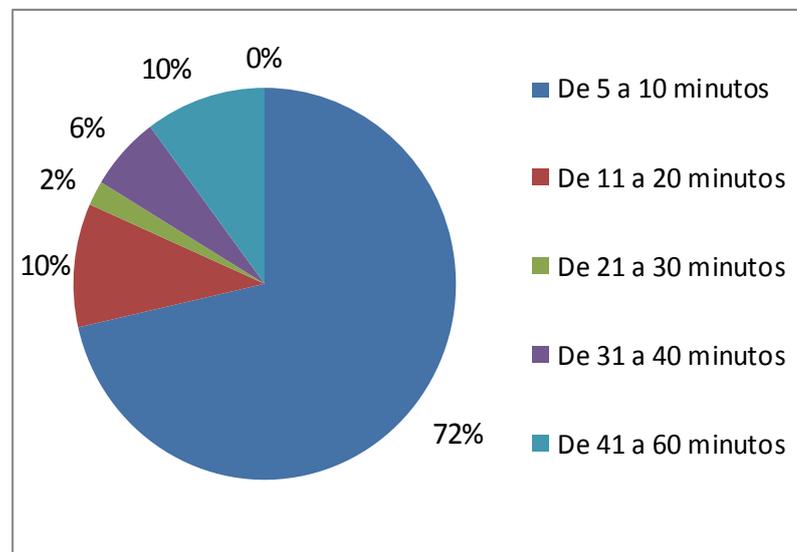


Gráfico 06 - Em casa, quanto tempo você dedica à leitura?

Considerando o tempo de leitura do gráfico 06, foi perguntado o seguinte: "Você lê os textos por inteiro?" De acordo com gráfico 07, sessenta e três por cento dos educandos disseram que às vezes leem o texto por inteiro.

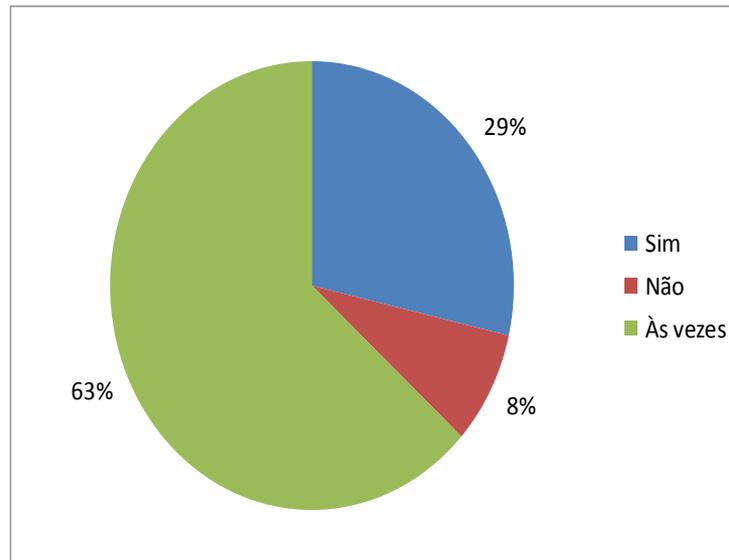


Gráfico 07 - Você lê os textos por inteiro?

Ao analisar o tempo, identificou-se no questionário que cinquenta e três por cento dos educandos disseram às vezes há um tempo dedicado à leitura, próximo dos quarenta e um por cento disseram que sim, há tempo dedicado à leitura, conforme o gráfico 08.

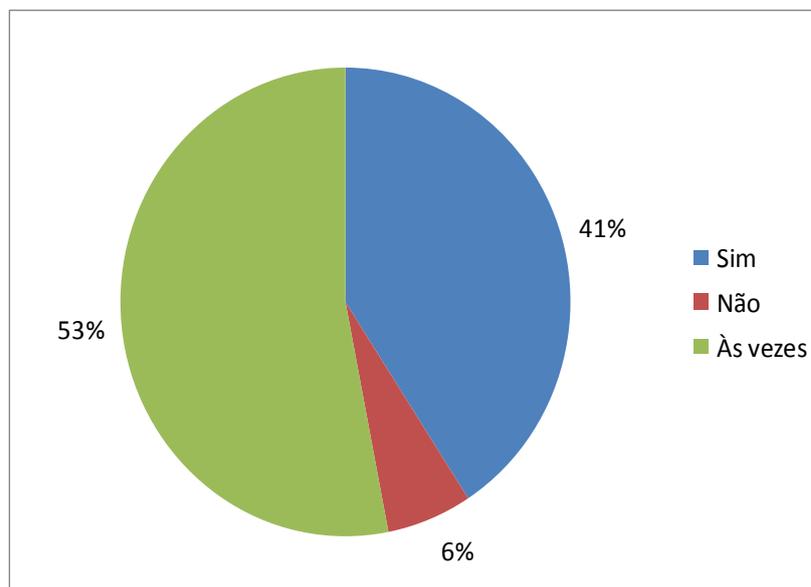


Gráfico 08 - Na escola, tem um tempo dedicado à leitura?

Diante da pergunta do tempo dedicado à leitura, foi indagado: "Que material de leitura utilizam?" No gráfico 09, tem-se quarenta e cinco por cento dos educandos

que dizem utilizar Literatura; próximo a isso, trinta e um por cento dos educandos dizem utilizar o livro didático,

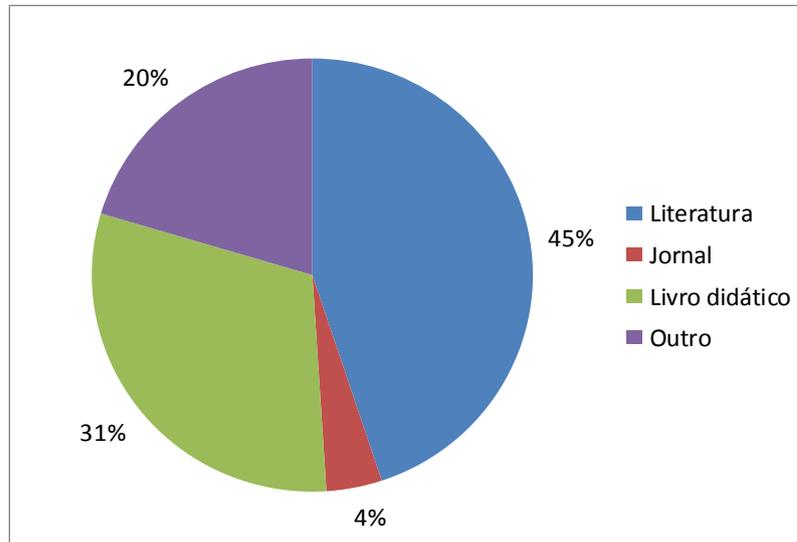


Gráfico 09 - "Que material de leitura utilizam?"

Finalizando o questionário com os educandos, verificou-se ainda, onde os educadores têm o hábito de ler com as crianças, para que assim haja novidade de ambiente da leitura. No gráfico 10, aproximadamente mais de sessenta e cinco por cento dos educandos dizem ler em sala de aula.

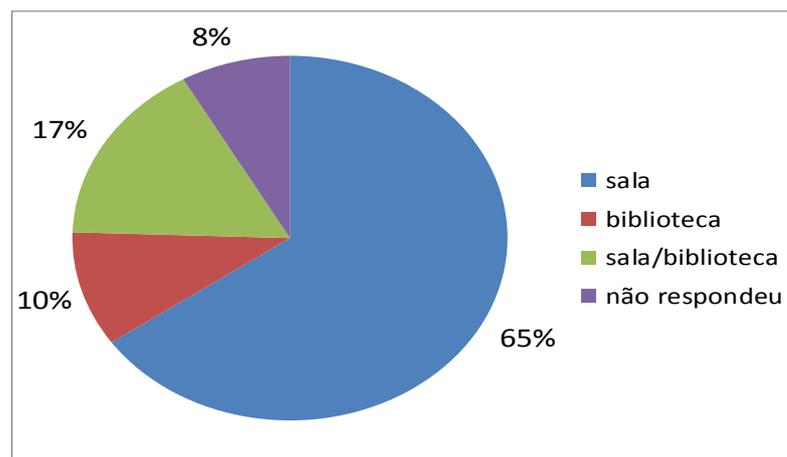


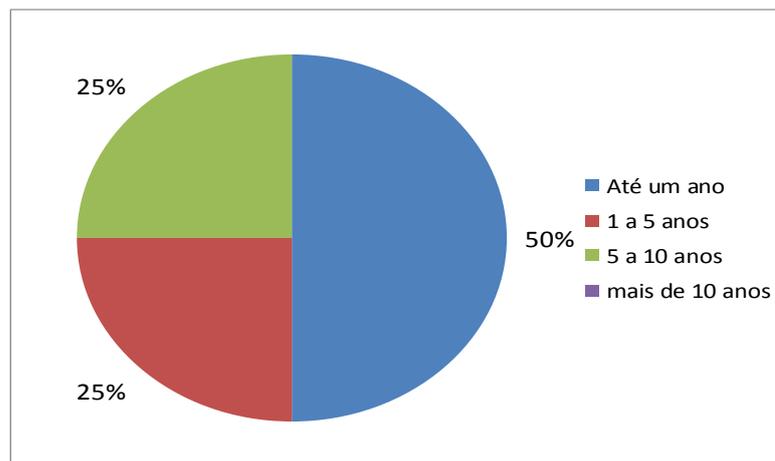
Gráfico 10 - "Você lê em sala de aula, ou na biblioteca?"

Verificou-se por meio dos gráficos a necessidade de se criar estratégias para que o ensino-aprendizagem da leitura dê resultado, e com base nos dados coletados os educandos têm o hábito de ler na escola, em casa o tempo é reduzido, com objetivo de visualizar qual a

metodologia aplicada pelos educadores da escola, e se fazem o uso de metodologias, viu-se que se a escola e os educadores fizerem sua parte, o ensino–aprendizagem dará o resultado que todos almejam, porém, há necessidade de mudança de atitudes em todos os componentes deste processo (Escolar, educadores, educandos e familiares).

4.2 EDUCADORES

O questionário aplicado aos educadores buscou identificar como está sendo aplicado o processo ensino-aprendizagem na escola objeto de estudo deste trabalho. Para tanto, foram entrevistados (08) oito educadores que integram a Escola, lembrando que dois destes estão diretamente relacionados aos terceiros anos. De acordo com o questionário, todos os educadores têm formação superior “Pedagogia e Normal Superior”, e o tempo de serviço varia (gráfico 11), nota-se que cinquenta por cento dos educadores são novatos, pois têm até um ano de serviço, vinte e cinco por cento responderam de um a cinco anos, e os outros vinte e cinco por cento de cinco a dez anos.



Há quanto tempo ministra aula no ensino fundamental anos iniciais? Gráfico 11 – iniciais?

Considerando o processo de leitura, verificou-se as propostas de leituras trabalhadas pelos educadores (Gráfico 12).

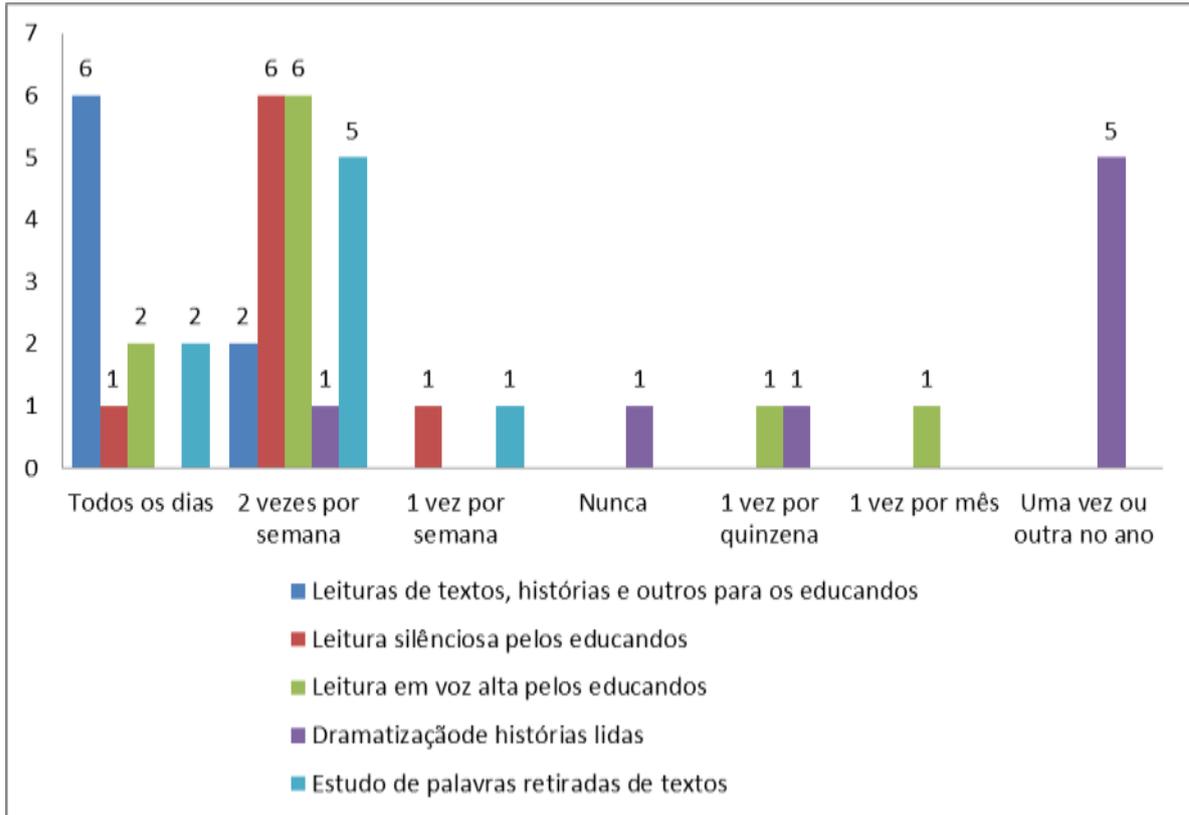


Gráfico 12 – Processo de Leitura com os educandos

Nota-se que seis educadores utilizam leitura de textos, histórias e outros diariamente, e também na semana utilizam por duas vezes da leitura silenciosa e em voz alta pelos educandos; cinco educadores fazem estudos de palavras retiradas de textos duas vezes por semana, e uma vez por ano utilizam dramatização de histórias lidas.

Visando trabalhar de forma diferenciada, quando perguntado: “Você tem trabalhado com diferentes materiais de leitura?” Cem por cento dos educadores disseram que sim, e que trabalham com os seguintes materiais: revistas; jornais; quadrinhos; textos produzidos pelos alunos; fantoches; vídeos, imagens(gravuras); Livro didático; multimídia.

Quando perguntado: “Você tem proposto atividades de leitura de diferentes tipos?” Todos disseram que sim, e que utilizam os seguintes textos: fábulas; quadrinhos; conto de assombração; jornal; receitas; músicas; parlendas; poemas; piadas.

Todos os educadores entrevistados acreditam que a leitura contribui para formação e o aprendizado do educando, no seu cotidiano, porém, conforme o gráfico 13, sessenta e dois por cento dos educadores disseram ter dificuldades em trabalhar com diferentes materiais e tipos de textos, não quer dizer que não utilizam, porém, têm dificuldade (*grifo do autor*).

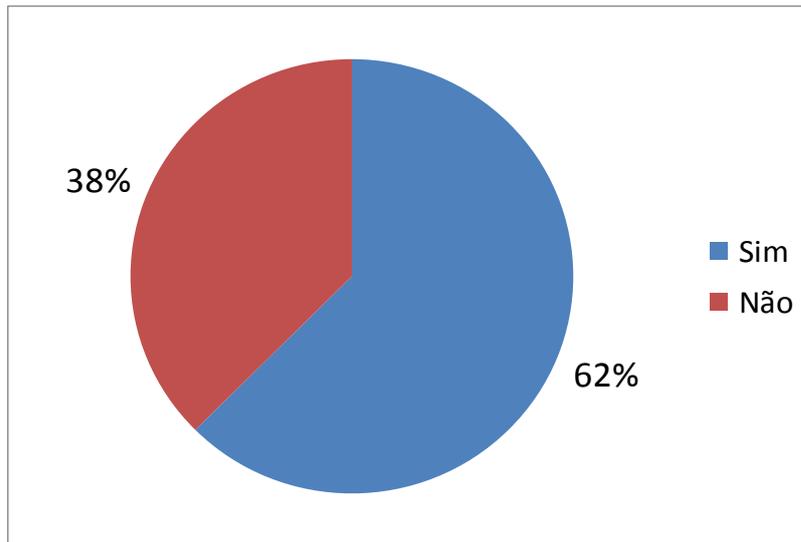


Gráfico 13 - Você tem encontrado algum tipo de dificuldade para trabalhar com diferentes materiais e com diferentes tipos de textos no Ensino fundamental anos iniciais?

De acordo com o questionário, todos propõem trabalhos em grupos pelo menos duas vezes por semana, e quando perguntados “Por que você propõe atividades em grupo? Acha que há alguma vantagem nesta forma de trabalho?” a resposta foi a seguinte (Quadro 01):

Educador	Resposta
1	Para que os alunos aprendam a interagir uns com os outros, desenvolver trabalhos em grupo.
2	Sim, porque os alunos que apresentam dificuldade de qualquer forma aprendem com o outro colega, ajuda bastante.
3	Sim, pois os agrupamentos são produtivos, pois propõem compartilhar a aprendizagem.
4	Sim, pois vejo que as crianças tiveram um grande avanço na aprendizagem com este trabalho.
5	Sim, ajuda o aluno a interagir, compartilhar ideias.

6	Sim, para que os alunos aprendam a interagir uns com os outros, desenvolver trabalhos em grupo.
7	Com certeza, a troca de experiência entre os alunos contribui significativamente para o avanço das aprendizagens.
8	Sim, o agrupamento desenvolve a aprendizagem dos alunos.

Quadro 01 – Repostas dos educadores.

Para finalizar o questionário dos educadores foi perguntado: “Que sugestões você teria para incentivar/melhorar a prática da leitura nessa etapa de escolarização?”

Foram apresentadas as seguintes sugestões (Quadro 02):

Educadores	Sugestões
1	Dramatização, leitura participativa, reencontro, leitura compartilhada, leitura com participação dos pais, leitura modificando o final, com intruso. Desafio de ler tudo que vê até chegar em casa e comentar no dia seguinte. Participação do Projeto Mala de Leitura.
2	Um pouco mais de incentivo dos pais ajudaria bastante.
3	Cantinho de leitura, projeto de leitura, leitura deleite, leitura na biblioteca.
4	Projeto de leitura, leitura na biblioteca, cantinho de leitura.
5	Oportunizar ao aluno diversos materiais de leitura como: computador e outros.
6	Dramatização, leitura participativa, recanto da leitura, leitura compartilhada.
7	Visita semanal à Biblioteca, assessorada por professores ou estagiários, projeto de leitura.
8	Projeto de leitura, leitura na biblioteca com mais frequência.

Quadro 02 – Sugestões dos educadores.

Sabe-se que os educadores têm a vontade de incentivar e melhorar a prática de leitura nessa etapa da escolarização, porém, lhes falta uma coerência curricular para que as estratégias traçadas produzam os resultados esperados, a falta de biblioteca e projetos de leitura com certeza fazem com que esse educador se desmotive, ou pelo contrário, fazem com que o educador tenha iniciativa de fazer e pensar pedagogicamente a aplicação do ensino-aprendizagem da leitura com os escolares dos terceiros anos iniciais do Ensino Fundamental.

Diante do problema proposto, foram analisadas três dissertações e uma tese, referentes ao problema proposto por este estudo, que consideraram o seguinte:

Sousa (2011) diz que o ensino da leitura e escrita contribui na formação de conceitos científicos, pode-se dizer que o processo de alfabetização tende a facilitar o desempenho dos educandos. Ressalta ainda que pode haver falhas que levarão a críticas e questionamentos quanto à sua eficiência, porém, a partir deste estudo, defendeu-se a necessidade de mudança na prática pedagógica quanto ao ensinar ciências, considerando para isso uma parceria entre formação de conceitos científicos e o ensino da leitura e escrita.

Canuto (2012) relata que quanto a valores e questões de ensino-aprendizagem, papel da leitura e de educadores e educandos no contexto escolar em foco, revelam a diversidade sócio-histórico-cultural dos participantes; pôde-se observar quando os educadores puderam explicitar sua compreensão a respeito da leitura com prazer, o educando como responsável pela dificuldade de ler e o educador como responsável pela escolha de tarefa, e a leitura como instrumento de ensino-aprendizagem nas diferentes áreas.

Para Antunes (2011), acredita que adotar uma concepção discursiva de linguagem deve ser encarado como um desafio. Para que haja mudanças nas práticas pedagógicas, é necessário que os educadores estejam mobilizados a pensar seu fazer pedagógico, avaliando os resultados do seu trabalho e propondo direcionamentos que possam contribuir para a formação de leitores na escola.

Entende-se que essas mudanças não se realizam de forma abrupta nem por imposição dos responsáveis pelos rumos da educação; é preciso que os educadores tenham contato com as teorias que sustentam as práticas para que possam, efetivamente, se sentir seguros para efetuar mudanças no seu trabalho.

Acredita-se ser necessário curso de formação e/ou momentos de estudos, organizados de forma a proporcionar aos profissionais da educação este tipo de

reflexão acerca do modo como a leitura pode ser trabalhada, para que sua apropriação vá além dos espaços escolares.

E Cunha (2012), em seu estudo, apontou para dificuldades focalizadas dentro do texto-base, e outras possíveis dificuldades encontradas por esses escolares, sejam em decodificação, velocidade de leitura ou fluência, habilidades que estão relacionadas ao desempenho em compreensão de leitura, devem ser investigadas por outros meios adequados para a avaliação dessas habilidades específicas. Ao focalizar alguma dificuldade, o educador poderá desenvolver um trabalho relacionado às dificuldades apresentadas pelos educandos, verificando assim essas habilidades. Para que o educador possa traçar um caminho, estratégias para que os educandos consigam acompanhá-lo no dia-a-dia. Se, após esta verificação, o escolar continuar apresentando dificuldades, ele deverá ser encaminhado para avaliação e intervenção específicas com profissionais especialistas.

Nota-se que os estudos sobre os processos de ensino-aprendizagem da leitura não são raros, pois existem muitas pesquisas sobre essa questão, cada pesquisador apontou problemas com relação ao ensino-aprendizagem nas escolas e sugeriu mudanças na prática de ensino, formação dos professores para que possam realizar um bom trabalho com a leitura nas escolas, utilizando-as nas diversas áreas, e que os mesmos estejam pensativos no que estão a fazer e pensar na escola.

A pesquisa na EMEF Professora Efigênia Sizenando demonstrou que para o ensino-aprendizagem da leitura nos anos iniciais funcionar, há uma necessidade de que os educadores/educandos juntamente com os familiares façam ações em conjunto, pois sem o apoio dos familiares ficará difícil melhorar o tempo de leitura dos escolares, assim como nos anos seguintes, pois o educador junto com a escola deverá criar situações que façam o educando ter o hábito, para que com isso desenvolva habilidades e gerando competência para o futuro, tanto educacional como profissional.

Esta problemática, assim como tratada aqui, dá margem a novos estudos a fim de que possa maximizar a eficiência do ensino-aprendizagem, não só dos educandos do 3º ano, mais sim daqueles que estão em séries avançadas, até mesmo no Ensino

Médio, Técnico e Superior. A proposta de intervenção tem por objetivo dar uma estratégia para o educador trabalhar em sala de aula o processo ensino-aprendizagem de forma que ele também faça parte do processo, aplicando assim tudo o que foi pesquisado. Esta proposta será empregada pela pedagoga da escola no início do ano letivo de 2016, descrito no relatório, enfatizando que a proposta de intervenção vem a somar junto às estratégias da escola, para que assim se obtenham melhores resultados no processo ensino aprendizagem da leitura, conforme Anexo A.

5 CONCLUSÕES

Considerando o intuito deste trabalho, viu-se a necessidade de refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem da leitura no 3º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais, bem como sobre os fatores que interferem na sua aquisição, sendo este ano o fechamento de um ciclo, pois rupturas graves tendem a acontecer, em nome de práticas inadequadas: entre as condições sociais e concretas da existência da criança e as expectativas definidas pelas instituições como ideais, entre as especificidades dos adultos e as especificidades lógicas das crianças, entre o que o educador efetivamente observa de sua criança, a cada momento, e o que dizem as teorias, pois, se o educador aplicar o conceito de zona de desenvolvimento proximal conseguirá ter um relacionamento com o educando, conseqüentemente o processo de ensino-aprendizagem da leitura poderá ser bem aproveitado.

Assim, o grande desafio nesta era contemporânea da informação, não é a capacidade de produzir, armazenar ou transmitir informações, mas sim reconhecer o que é importante saber e, de fato, utilizar essa informação. A questão crucial é descobrir o que é preciso fazer para criar e desenvolver estratégias de leitura que sejam realmente utilizadas para reduzir incertezas, melhorar a efetividade e tomar decisões relevantes quanto ao processo ensino-aprendizagem, tendo o educador como determinante para que as estratégias alcancem resultados.

A partir de reflexões sobre leitura e letramento, sabe-se que o ambiente escolar e a postura do educador permitem ao educando a aquisição da leitura de maneira eficiente e prazerosa, tornando o espaço escolar um local de trocas de experiência, onde a criança constrói um conhecimento de leitura que a conduz a outras etapas do processo ensino-aprendizagem.

Constatou-se que o fator leitura é de extrema importância para desenvolvimento pessoal e social do educando. Para tanto, é preciso trabalhar com textos que estejam próximos da realidade do educando e permitam que, desde cedo, se inicie o hábito da leitura. Não basta que a escola passe os rudimentos da língua escrita, mas que estimule e invista numa linha de desenvolvimento pessoal. É necessário que a escola forme leitores capazes de participar efetivamente na reconstrução da

democracia e que não só os profissionais da Educação - “educadores” - devem garantir essa possibilidade ao escolar, mas os pais também têm papel fundamental neste processo.

O hábito de leitura é um fator de forte influência no desempenho escolar, refletindo-se em todas as áreas de conhecimento. Estimular os educandos nessa prática é altamente proveitoso e não envolve investimentos sofisticados, estando ao alcance de toda escola, que mesmo tendo recursos reduzidos, pode levar a criança a descobrir o mundo letrado de forma lúdica e prazerosa. Tendo em vista a importância da leitura no mundo de hoje, este estudo buscou dar mais informações aos educadores que trabalham nos terceiros anos iniciais do Ensino Fundamental, mostrando-lhes o seu papel de mediadores frente à sociedade, buscando destacar a responsabilidade que lhes é confiada, pois exercem influência direta na vida da criança e irá refletir na vida adulta.

A leitura não deve acontecer como ato mecânico, um fator obrigatório que está implantado na escola, entende-se que a decifração dos códigos não pode ser o fim em si, do objetivo do educador. O entendimento do que se lê é o que vai comprovar a aquisição do conhecimento do educando, de maneira tal que quando ler um poema, o mesmo terá a sensação de estar no lugar do autor, ou entender o porquê de aquele texto ter sido escrito ou ainda adquirir o conhecimento exposto no texto lido, sorrir quando interpreta uma piada, sentir o que está lendo; estes fatores são alguns exemplos que levam o educando a se encantar pela leitura. É este olhar que deve direcionar o trabalho em sala de aula.

O educador se preocupa na maioria das vezes com código, se a criança aprendeu o código aprendeu a ler, o que não é verdade. Aprender a ler é entender o que está intrínseco nas entrelinhas e poder inferir na narração do emitente, quando o educando consegue, ele passa a entender a necessidade de aprender a ler.

As práticas pedagógicas do educador são supervisionadas, existe um compromisso na formação do educador, o governo aplica avaliações para acompanhar o processo do ensino, como medidores de desempenho do educando/educador. O que se observa é que a prática em sala visa atender cobranças de todos os lados e muitas

vezes o professor não arrisca inovar, por razões diversas, falta de tempo de planejar, receio de errar e receber críticas podem ser apontados como umas dessas razões, daí a dificuldade relatada na abordagem feita com educadores.

Observar a necessidade da turma, local onde está inserida e especificidade de cada aluno, são desafios que devem permear a prática docente, para que não haja uma abordagem homogênea no processo ensino-aprendizagem, levando a uma possível defasagem na aquisição do conhecimento. A leitura deve estar presente em todos os movimentos escolares, seja em sala de aula ou em atividades extraclasse, fazendo o educando entender que em todos os momentos está realizando um tipo de leitura de cujo depende entendimento para guiar as ações do momento seguinte.

As ações que envolvem o ciclo final do ensino-aprendizagem da leitura nos terceiros anos iniciais do Ensino Fundamental são bem complexas e necessitam ser identificadas, analisadas e refletidas, para que a prática do educador se efetive com base no verdadeiro entendimento do que a proposta de intervenção representa para a criança e o educador, fazendo com que a escola seja realmente um espaço da construção da cidadania, gerando assim uma educação como fator de desenvolvimento, econômico, social e regional. A presente pesquisa poderá servir como fonte de orientação e discussões nos estudos de docentes, considerando a importância de se trabalhar o ensino da leitura na fase da infância, que resultará na formação do ser humano crítico e consciente na busca de conhecimentos.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Janaína Silva Costa. **Práticas de leitura nas séries iniciais do ensino fundamental em uma escola pública**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96. 1998.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Ática, 1992.
- CANUTO, Maurício. **Atividade de formação de professores de Ensino Fundamental I: Leitura como instrumento de ensino – aprendizagem**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudo de Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.
- COLELLO, S. M. G. & SILVA, N. “Letramento: do processo de exclusão social aos vícios da prática pedagógica”. Disponível em: <<http://hottopos.com/videtur29/silvia.htm>>. Acesso em: 15 dez. 2015.
- COLOMER, Tereza & CAMPS, Anna. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- CONTIERO, D. **O trabalho docente na pré-escola: Revisando Teorias, Descortinando Práticas**. São Paulo: Pioneira, 2001.
- CONVENÇÃO COLETIVA DE TRABALHO 2014/2015: Salário Mínimo Rural. Disponível em: <<http://www.sruraldelinhares.org.br/convencao/Convencao-2014-2015.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2016
- CUNHA, Vera Lúcia Orlandi. **Perfil de escolares do 3.º ao 5.º ano do ensino fundamental I em compreensão de leitura: elaboração de instrumento avaliativo**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2012.
- DESCARDECI, T. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- FERREIRO, E. **A psicogênese da língua escrita**, Porto Alegre: Artmed, 1985.
- _____. **O ato de ler evolui**. Entrevista. In: Revista Nova Escola. 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. **A importância do ato de ler**. 38. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 50. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. **Alfabetização:** leitura da palavra leitura do mundo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Conscientização:** teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

GARCIA, J. N. **Manual de dificuldades de aprendizagem, linguagem, leitura, escrita e matemática.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GÓMEZ, A. I. P. A aprendizagem escolar: da didática operatória à reconstrução da cultura na sala de aula. In: SACRISTÁN, J. G.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino.** 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

JOLIBERT, A. **Uma história da escrita.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

JORM, A. F. **Psicologia das dificuldades em leitura e ortografia.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento:** uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

_____. **Oficina de leitura:** teoria e prática. Campinas, SP: Pontes, 2004

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MAGALHÃES, M. C. C. Pesquisa crítica de colaboração: escolhas epistemometodológicas na organização e condução de pesquisas de intervenção no contexto escolar. In: MAGALHÃES, M. C. C.; FIDALGO, S. S. (Orgs.). **Questões de Método e de Linguagem na Formação Docente.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011a, p. 13-40

MINAS GERAIS. Série Lições de Minas. **Tempo Escolar:** Hora de Refletir e Organizar. Belo Horizonte. Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais. V.III. Nov. 1999.

PORTUGAL, G. **Crianças, Famílias e Creches, uma abordagem ecológica da adaptação do bebê à creche.** Porto: Porto Editora, 1998.

RIBEIRO, L. **Para casa ou para sala?** São Paulo: Didática Paulista, 1999.

SILVA, J. P. da. Filologia é o estudo da língua na literatura. A visão de J. Mattoso Câmara Jr. In: **América Latina y lo Clásico.** Santiago de Chile: Universidad

Metropolitana de Ciencias de la Educación - Facultad de Historia, Geografía e Letras, 1991.

SILVA, R. H. P. da. **Alfabetização**: características das etapas da leitura e da escrita. CPOEC. Porto Alegre, nº 42, abril a junho de 1995.

SILVA, E. T. da. **Leitura & realidade brasileira**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.

SMITH, C.; STRICK, L. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Tradução: Cláudia Schilling. 6.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SOUSA, Ellis Regina Vasconcellos de. **O ensino da leitura e escrita no ensino fundamental e sua contribuição na formação de conceitos científicos**. Dissertação (Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia) Universidade do Estado do Amazonas, 2011.

TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 1995.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1998.

_____ **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WEISZ, T. **O Diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. 2.ed. São Paulo: Ática, 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO PARA EDUCANDOS

Este questionário é destinado aos alunos do Ensino Fundamental. Os dados aqui fornecidos só serão utilizados em trabalho de pesquisa acadêmica. Por favor, queira dispor de alguns minutos para responder às questões do seu dia-a-dia. Muito obrigado por participar desta pesquisa.

1. Gênero:

Masculino () Feminino ()

2. Você considera importante para aprendizado ter o hábito da leitura?

() Sim () Não

3. O que você gosta de ler?

() Livros infantis () Gibi () outras revistas.

Quais? _____

4. Com que frequência você lê?

- Todos os dias ()
- 5 vezes por semana ()
- 4 vezes por semana ()
- 3 vezes por semana ()
- 2 vezes por semana ()
- 1 vez por semana ()

5. Você lê notícias publicadas em jornais?

() Sim () Não

6. Onde você gosta de ler, preferencialmente?

Casa () Escola () Casa de amigos () Outro: _____

7. O que lhe chama mais a atenção nos textos?

- () Título
- () Foto
- () Legenda
- () Gráficos, tabelas
- () O assunto em si
- () Outro _____

8. Em casa, quanto tempo você dedica à leitura

- De 5 a 10 minutos()
- De 11 a 20 minutos()
- De 21 a 30 minutos()
- De 31 a 40 minutos()
- De 40 a 60 minutos()
- Mais de uma hora – Quanto? _____

9. Você lê os textos por inteiro?

Sim..... () Não..... () Às vezes ()

10. Na escola, tem um tempo dedicado à leitura?

Sim..... () Não..... () Às vezes ()

11. Que material de leitura utiliza?

Literatura () Jornal () Livro didático () () Outro

12. Você lê em sala de aula, ou na biblioteca?

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO PARA EDUCADORES

Este questionário é parte de uma Pesquisa Acadêmica que está em desenvolvimento no Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional, da Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus – ES, é destinado aos alunos do Ensino Fundamental. Sua contribuição é de extrema importância para esclarecer algumas questões que dificultam o desempenho satisfatório dos alunos nesta habilidade específica. Muito obrigado por sua participação.

Você é graduado em:

1. Há quanto tempo ministra aula no ensino Fundamental anos iniciais?

- () Até 01 ano
 () 1 a 5 anos
 () 5 a 10 anos
 () mais de 10 anos

2. Entre as atividades abaixo, especifique, com bastante precisão e de forma legível, quais delas você utiliza e com que frequência.

Atenção:

. Não deixe nenhum campo em branco: se você não propõe a atividade coloque N= NUNCA.

. Utilize a legenda abaixo como referência.

- (TD) Todos os dias
 (2X) 2 vezes por semana
 (1X) 1 vez por semana
 (N) Nunca
 (Q) 1 vez por quinzena
 (M) 1 vez por mês
 (O) Uma vez ou outra no ano

- () Leitura de textos, histórias e outros para os educandos
 () Leitura silenciosa pelos educandos
 () Leitura em voz alta pelos educandos
 () Dramatização de histórias lidas
 () Estudo de palavras retiradas de textos

3. Você tem trabalhado com diferentes materiais de leitura?

- () sim () Não
 Se sim, quais são os materiais?
-

4. Você tem proposto atividades de leitura de diferentes tipos de texto?

- () Sim () Não
 Se sim, quais são os textos utilizados? _____

5. Você acredita que a Leitura contribui para a formação e o aprendizado do educando no seu cotidiano?

() Sim () Não

6. Você tem encontrado algum tipo de dificuldade para trabalhar com diferentes materiais e com diferentes tipos de textos no Ensino Fundamental Anos Iniciais?

() Sim () Não

7. Você propõe trabalhos em duplas, trios ou grupos maiores para realizarem atividades de leitura?

() Sim () Não

8. Se a resposta for SIM para a questão anterior:

a) Por que você propõe atividades em grupo? Acha que há alguma vantagem nesta forma de trabalho?

b) Com que frequência você propõe atividades em grupo? (utilize a referência da questão 2)

9. Que sugestões você teria para incentivar/melhorar a prática da leitura nessa etapa de escolarização?

ANEXOS

ANEXO A – Relatório Pedagoga referente à Proposta de Intervenção

**PREFEITURA MUNICIPAL DE LINHARES - ES****Escola Municipal de Ensino Fundamental
"Professora Efigênia Sizenando"**

Relatório da proposta de intervenção realizada pelo mestrando Felipe Costa Azeredo na EMEF Professora Efigênia Sizenando, no ano de 2015, com as turmas de 3º ano do Ensino Fundamental I.

A partir dos resultados dos questionários aplicados aos docentes e discentes das turmas de 3º ano do ensino fundamental I, foi apresentada uma proposta de trabalho a ser realizada com as turmas envolvendo ambas as partes. A proposta será trabalhada em forma de projeto de leitura no primeiro semestre letivo do ano de 2016, o que contribuirá como um elemento diferenciado na prática do professor na questão do ensino aprendizagem de leitura-escrita, trazendo contribuições que tornaram possíveis inserir em seu planejamento não só para este ano letivo, mas também para os próximos.

Para o professor, o desenvolvimento da proposta consiste em fazê-lo recordar de sua infância e sua experiência com a leitura, e trazer para sala de aula um livro ou texto do qual ele se lembre de ter lido na infância, ler para a classe e justificar o porquê da escolha, compartilhar com os alunos sua experiência de leitura enquanto criança e agora na fase adulta, enfatizando a importância do ato de ler. Esta ação possibilitará despertar no docente um novo olhar para a criança, consequentemente uma nova abordagem da leitura em sala de aula.

Para o educando, a proposta é que cada um compartilhe com a classe algum livro ou texto do qual ele tenha gostado e o porquê de sua preferência, com objetivo de identificar o despertar do gosto pela leitura. A segunda tarefa para o aluno deverá fazer uma pesquisa com a família de algum livro ou história que tenham lido, fazer o resumo e trazer para a sala de aula para compartilhar com a turma. A reflexão realizada pelo aluno juntamente com a família pode trazer benefícios para sua vida acadêmica e também pessoal.

Os resumos das histórias contadas pelas famílias serão reunidos em uma pasta para serem usados como material de leitura para outras turmas de 3ºs anos, como subsídio para o professor. Essa proposta possibilitará ainda trabalhar atividades como produção textual (reescrita de história) reflexão e análise de assuntos os mais diversos, escrita de palavras que enriquecerão o vocabulário, coesão e coerência textual.

Maria José de Oliveira Marques – Pedagoga

Rua João Soprani, S/Nº - Córrego do Farias, Linhares/ES – Telefone: (27)3274-6090